

ACOMPANHAMENTO FAMILIAR

GUIA DE ORIENTAÇÕES
VERSÃO PRELIMINAR

FAMÍLIA
PARANAENSE
UMA NOVA VIDA COMEÇA AQUI.

Governador do Estado do Paraná
Beto Richa

**Secretária de Estado da Família e
Desenvolvimento Social (Seds)**
Fernanda Richa

**Coordenadora da Unidade Técnica do
Programa Família Paranaense**
Letícia Regina Hillen dos Reis

Colaboradores
Denise Kopp Zugman
Everton de Oliveira
Marina Pujol Buschmann

Design
Alexandre Ribeiro

ACOMPANHAMENTO FAMILIAR

CURITIBA
2017

FAMÍLIA
PARANAENSE
UMA NOVA VIDA COMEÇA AQUI.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Família
e Desenvolvimento Social

APRESENTAÇÃO

O programa Família Paranaense, criado pela Lei Estadual nº 17.734/2013, tem como finalidade articular as políticas públicas estaduais e municipais, visando o desenvolvimento, o protagonismo e a promoção social das famílias que vivem em situação de alta vulnerabilidade social. Um dos objetivos do programa é “estabelecer diretrizes, orientar e assessorar os municípios para o acompanhamento familiar intersetorial” (Lei 17.734, art. 4º, inciso III).

Para efetivar esse e outros objetivos, o Estado do Paraná formalizou, com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), uma parceria que contempla ações em 156 municípios considerados prioritários e que são selecionados de acordo com critérios técnicos deliberados pelo Conselho Estadual de Assistência Social (Ceas). Essa parceria incluiu o desenvolvimento de uma proposta metodológica de acompanhamento familiar.

O modelo de acompanhamento familiar adotado pelo programa elege como referencial teórico os paradigmas colaborativos e tem convergência com o trabalho social realizado com as famílias, previsto no Sistema Único de Assistência Social (Suas) e executado no âmbito do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) e do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (Paefi).

Este guia orienta sobre a implementação do modelo de acompanhamento familiar do programa Família Paranaense. O seu desenvolvimento é parte da estratégia de apoio às famílias, formulada por meio de uma metodologia de acompanhamento familiar unificado e que integra um conjunto de ações articuladas e sequenciais, orientadas pelas mesmas diretrizes teóricas.

O guia se destina aos profissionais da assistência social dos municípios, aqui denominados como técnicos de referência da família, e que são responsáveis pelo acompanhamento familiar. O material está estruturado em três partes: a primeira traz questões conceituais e teóricas; a segunda apresenta a proposta do modelo de acompanhamento familiar e a terceira contém sugestões de práticas horizontalizadas e colaborativas.

A fim de aumentar a efetividade da proposta metodológica do acompanhamento familiar, foi realizada uma implantação-piloto em 30 (trinta) municípios. Por meio desse processo, foi possível averiguar sua aplicabilidade em diferentes contextos, a identificação dos profissionais da assistência social com a proposta e sua ressonância junto ao público-alvo. As experiências derivadas desta implementação-piloto ratificaram a importância das ações de proximidade e continuidade com as famílias em situação de vulnerabilidade social.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
FAMÍLIA PARANAENSE, UMA NOVA VIDA COMEÇA AQUI	11
CONCEITOS DE REFERÊNCIA	
- Família como Eixo Central de Atendimento	15
- A Família	16
- Famílias em Situação de Vulnerabilidade Social	17
- Trabalhando com Famílias Vulneráveis	19
- Acompanhamento Familiar: Proximidade e Continuidade	22
MODELO DE ACOMPANHAMENTO FAMILIAR DO PROGRAMA FAMÍLIA PARANAENSE	
- Estrutura do Acompanhamento Familiar	28
- A Metáfora da Viagem	27
- O Papel do Técnico de Referência da Família	28
- Estrutura dos Encontros	29
ETAPA 1	
- Encontro 1 – Pacto Relacional	32

- Encontro 2 – Identificando Habilidades e Competências	36
ETAPA 2	
- Encontro 3 – Construindo Sonhos e Metas	40
- Encontro 4 – Desenvolvendo o Plano de Ação	42
ETAPA 3	
- Encontros 5 ao 12 – Acompanhamento do Plano de Ação	46
ETAPA 4	
- Encontros 13 e 14 – Graduação	50
ANEXOS	
- Carta de Participação	54
- Ecomapa	55
- Ficha de Registro de Encontros	56
- Mapa de Viagem 1 – Construindo nosso Plano:	57
- Mapa de Viagem 2 – Acompanhando nosso Plano:	58
- Mapa de Viagem 3 – Concluindo nosso Plano:	59
- Material de Apoio	
- Sugestão de Perguntas Apreciativas	60
- Perguntas sobre os Recursos/Habilidades/ Qualidades	61
- Lista de Qualidades da Família	61
- Lista de Qualidades Individuais	62

REFERÊNCIAS 63**SUGESTÕES DE PRÁTICAS COM AS FAMÍLIAS**

- Atividades em Grupo	68
- 1. A Origem do Nome e o Tema Atual da Minha Vida	69
- 2. Desenho da Família	70
- 3. Dinâmica das Flores	71
- 4. Dinâmica das Pedras	72
- 5. Linha do Tempo	74
- 6. Sobre o que Queremos em Família ou Grupo	75
- 7. Projeto Álbum de Família	76
- 8. Para Quem eu Tiro o meu Chapéu	78
- Contos	79
- Práticas Narrativas Coletivas:	111
- A Árvore da Vida	113
- A Pipa da Vida	119
- Documentos Coletivos	120

PROGRAMA FAMÍLIA PARANAENSE, UMA NOVA VIDA COMEÇA AQUI

Com o propósito de combater a pobreza em todo o Paraná, o programa Família Paranaense foi lançado em 2012. A iniciativa, que reúne ações do Estado e dos municípios, representa um grande passo para promover o desenvolvimento e a emancipação das famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social.

O programa intersetorial é coordenado pela Secretaria da Família e Desenvolvimento Social e envolve 19 áreas do Governo do Estado, com ações planejadas para atender as necessidades de cada família e as peculiaridades de cada região.

Inicialmente, a perspectiva era implantar o Família Paranaense em 30 municípios, com base em três principais critérios: menor Índice Iparades de Desempenho do Município (IPDM), maior percentual de pessoas em extrema pobreza e avaliação da gestão da política de assistência social municipal. Outros índices considerados são: grande concentração de moradias precárias, baixa taxa de aprovação escolar e alto índice de gravidez na adolescência.

Hoje, o programa está presente nos 399 municípios do Estado e é a principal plataforma do governo estadual para a superação da pobreza, pois garante a proteção social, com o acesso a serviços públicos de qualidade, inclusão social e, principalmente, capacitação profissional.

A principal característica do Família Paranaense é garantir autonomia e independência das famílias atendidas. Por dois anos, aquelas que estão incluídas no programa recebem acompanhamento individual, de acordo com suas necessidades e especificidades do território em que vivem. Nesse período, são integradas à rede social de atendimento dos municípios e às políticas públicas do Estado para a área social.

O programa trabalha com seis eixos principais: Assistência Social, Habitação, Educação, Saúde, Agricultura e Trabalho. Também abrange medidas nas áreas de segurança pública, meio ambiente, cultura e esporte. Entre as ações previstas, estão a construção, reforma e implantação de Centros de Referência de Assistência Social (Cras), que são a porta de entrada do programa.

IDENTIFICAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Para identificar quem vive em situação de maior risco social, foi criado o Índice de Vulnerabilidade das Famílias (IVF-PR). Esse índice é calculado a partir da base de dados do CadÚnico e leva em consideração quatro dimensões: adequação do domicílio; perfil e composição familiar; acesso ao trabalho e renda e condições de escolaridade.

Inspirado em iniciativas exitosas aplicadas em outros países, o Família Paranaense dissemina uma nova maneira de planejar o acesso às políticas sociais de combate à pobreza. Por isso, possui modelo específico de acompanhamento familiar, que oferece às equipes dos comitês locais informações e ferramentas para realizar, de maneira estruturada, o trabalho social com as famílias.

O modelo foi elaborado segundo as diretrizes nacionais do Sistema Único de Assistência Social (Suas), contribuindo para os avanços da assistência social em todo o Estado. O acompanhamento familiar é feito por meio de encontros individuais e coletivos. Cada família é acompanhada por um técnico, que busca identificar as suas potencialidades e os recursos existentes, e definir um plano que a ajude a promover o seu desenvolvimento autônomo.

MODALIDADES

O programa possui quatro modalidades: Municípios Prioritários, Adesão Espontânea, Atenção às Famílias dos Adolescentes Internados por Medida Socioeducativa (Afai) e Renda Família Paranaense.

A metodologia do programa, o IVF-PR, o Sistema de Acompanhamento das Famílias e o Plano Intersetorial estão disponíveis a todos os municípios do Paraná. No entanto, foram estabelecidos critérios para a seleção dos municípios, dando origem à modalidade prioritários, formada pelos municípios com os indicadores sociais mais críticos.

Na Adesão Espontânea, estão os municípios que, independentemente de seus indicadores sociais, aderem ao programa e também fazem o acompanhamento individualizado. Já os municípios que integram a modalidade Afai acompanham de forma sistemática as famílias com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, durante o período de internação e mais um ano após a desinternação do adolescente.

Todos os municípios paranaenses estão incluídos no Renda Família Paranaense, independentemente da adesão ao programa. O benefício, criado em 2013, faz transferência complementar direta de renda às famílias para que elas superem a linha de extrema pobreza estadual. Até julho de 2017, 267 mil famílias já tinham recebido pelo menos uma vez.

Esse número representa mais um avanço conquistado pelo Governo do Estado. A meta era atender 200 mil famílias até 2018. No entanto, desde 2012 até a metade de 2017, já foram contabilizadas mais de 286 mil famílias atendidas. Dessas, 38 mil somente em acompanhamento familiar.

O grande diferencial do Família Paranaense é possuir “porta” de entrada e de saída. Diferentemente de outros modelos, não se resume à transferência de renda e à cobrança de condicionalidade, mas promove a emancipação das famílias. Esse é o grande marco para o enfrentamento das complexas dimensões de exclusão social.

Por isso, uma política pública que visa acabar com a exclusão social deve ter como metas: foco nos esforços para ampliar a rede de suporte; propiciar o acesso aos serviços básicos para garantir a cidadania e a igualdade de direitos; e reconhecer a importância do contexto de vida dos indivíduos e das famílias em situação de vulnerabilidade social.

É para isso que o Família Paranaense trabalha. Assim, todos saem ganhando. A família, na melhoria das condições de vida; o município, no fortalecimento da gestão, ao dinamizar a oferta de serviços; e o estado, na melhoria dos indicadores sociais para um novo Paraná.

CONCEITOS DE REFERÊNCIA

Família como Eixo Central de Atendimento

As antigas políticas centradas nos indivíduos e na oferta de serviços de oportunidade mostraram pouca efetividade no enfrentamento de adversidades extremas, como a pobreza. As políticas de última geração, por outro lado, não se limitam a atender as demandas das famílias e comunidades. Elas vão além da transferência de renda e da cobrança de condicionalidades, pois investem nas potencialidades dos indivíduos e comunidades, encorajando o protagonismo e estimulando a promoção coletiva do desenvolvimento da comunidade de forma integrada e sustentável.

Uma das grandes mudanças nas políticas públicas foi deixar de focalizar somente o indivíduo e alocar a família como um todo na centralidade das políticas de proteção social, no intuito de fortalecer os laços e a capacidade delas de promoverem transformações efetivas. Resumindo, o Estado passou a garantir o direito à cidadania, o acesso à prestação de serviços básicos, a igualdade de direitos, a autonomia, a convivência e a integração social aos indivíduos e suas famílias.

O Brasil incorporou essa linha de abordagem, como se pode ver no Plano Nacional de Assistência Social:

Por reconhecer as fortes pressões que os processos de exclusão socioculturais geram sobre as famílias brasileiras, acentuando suas fragilidades e contradições, faz-se primordial sua centralidade no âmbito das ações da política de assistência social como espaço privilegiado e insubstituível de proteção e socialização primárias, provedora de cuidados aos seus membros, mas que precisa também ser cuidada e protegida (PNAS, 2004, p.40).

A Família

Entende-se a família como:

- Grupo de indivíduos unidos por relações de afeto e/ou parentesco, configurando uma matriz vincular em torno do sustento econômico e da reprodução cultural e/ou biológica. Compartilha uma dimensão tempo-espço de cotidianidade com singular identidade, história e perspectiva de futuro (Cercanias, 2013, p.6).

Família também é uma instituição complexa e variável, que se constitui nos domínios da vida privada e da pública, que a intervenção social exige compreender em suas contradições. Reconhecida socialmente e dotada de identidade social, a família configura, ao mesmo tempo, um espaço de ação e influência, onde se produz o exercício das responsabilidades parentais. Com frequência naturalizada e idealizada como recinto de amor, é o âmbito onde têm lugar relações de afeto e cuidado e onde se reproduzem desigualdades de poder que atravessam gêneros e gerações (Pintos; Aszkinas, 2015).

A família é ainda, para o PAIF, o lugar de cuidado, proteção, aprendizado dos afetos, construção de identidade e vínculos relacionais e de pertencimento, mas sem perder de vista que ela pode também configurar um espaço de reprodução de desigualdades e de violência.

Mioto (2010) considera que a família é um "espaço a ser cuidado", sendo fundamental reconhecer a natureza e a qualidade das relações na sua dinâmica interna, bem como reconhecer as determinações externas. Nessa perspectiva, o objetivo do trabalho social com a família é gerar apoio e fortalecimento, sendo necessárias proposições e articulações em relação à política social, ações conjuntas com as próprias famílias e a realização de avaliações dos resultados, impactos e modificações ocorridas em seu cotidiano.

Famílias em Situação de Vulnerabilidade Social

As famílias distantes das condições mínimas socioeconômicas foram deixadas em maior risco de desvinculação e empobrecimento das relações, por causa das mudanças sociais das últimas décadas, que causaram fragilidades na função protetiva. Essas famílias estão expostas a um conjunto de desvantagens que lhes impõem múltiplos desafios. São obrigadas a enfrentar desafios internos, tais como: doenças incapacitantes, uso de drogas e violência doméstica. Da mesma forma, passam por desafios externos: pobreza, condições precárias de moradia, território violento, rede de suporte precária etc.

Os efeitos dessas crises persistentes, da instabilidade contextual e do acúmulo de estresse são observados por meio da dificuldade que essas famílias demonstram em desenvolver ações que, efetivamente, promovam uma melhor qualidade de vida. Portanto, para trabalhar com tais famílias, é importante compreender os efeitos dessas crises na forma com que operam em seus contextos de vida. Para tanto, Rodrigues (2013) sugere considerar:

a) Os Múltiplos Desafios

Essas famílias podem estar vivenciando diversos desafios simultâneos. Por exemplo: rendimentos insuficientes ou instáveis; familiares dependentes ou com graves doenças crônicas; baixos níveis educacionais; habitação com condições precárias; desemprego ou emprego precário e conflitos intrafamiliar e/ou extrafamiliar. Essa intrincada teia de problemas tende a se manter elevada ao longo do tempo. Em muitos casos, adquire um caráter transgeracional.

b) As Crises Sucessivas

Famílias em situação de vulnerabilidade, em geral, experimentam mais episódios imprevisíveis e estressantes do que a maioria da população. São mais frequentes os conflitos familiares, bem como as instabilidades para suprir as necessidades básicas. Essas crises sucessivas criam rotinas e interações que reforçam a condição de vulnerabilidade, gerando ansiedade e sofrimento individual e familiar e tornando a crise previsível e “normalizada”.

c) A Dificuldade em Confiar

As famílias em condições de vulnerabilidade por vários anos tendem a não confiar nos outros. Frequentemente, possuem um histórico de rejeições, abandonos de pessoas significativas (como pais, familiares e amigos) e distanciamento dos serviços de apoio.

d) Desamparo Aprendido

As crises persistentes, o acúmulo de estresse e as pressões, vivenciadas por essas famílias, com frequência desencadeiam sentimentos de passividade e desamparo aprendido. Tais sentimentos inviabilizam ações em direção à mudança, pois comprometem o senso de competências e levam à autodesvalorização. Essa sensação de desamparo, via de regra, coloca a família numa posição de dependência (Rodrigues; Grilo, 2013).

e) Resiliência

Todas as famílias possuem competências e recursos. Diante das adversidades, colocam sua força, habilidades e recursos a serviço da sobrevivência e da superação. Entretanto, por causa de suas condições contextuais desafiadoras de empobrecimento e fragilidade, não conseguem reconhecer e valorizar suas competências e recursos.

Trabalhando com Famílias Vulneráveis

Os modelos tradicionais de abordagem têm descrito as famílias vulneráveis por meio da lente do *deficit*, definindo-as pelos seus problemas e caracterizando-as como desestruturadas, disfuncionais e difíceis no relacionamento com os serviços. Na última década, entretanto, a literatura vem apontando para a baixa efetividade desses modelos (Rivero, Sousa, Grilo, & Rodrigues, 2013). Uma das limitações descritas é que muitos desses programas atuam por área do problema, o que, em geral, resulta na produção de um fluxo de ações fragmentadas e descoordenadas. Esse processo descontínuo e desarticulado favorece a insegurança e a dúvida, comprometendo o senso de competência, autoeficácia e autonomia da família.

Outra crítica a esses modelos é que o profissional dispõe de critérios normativos por meio dos quais analisa e compara o funcionamento da família, procurando identificar, corrigir ou minimizar desvios às normas. Nesse contexto normativo, as famílias são destituídas de *expertise* e cabe a elas cumprir as instruções do profissional que, nesse modelo, exerce uma função de regulação, correção e controle. A literatura tem apontado para a necessidade de modelos mais flexíveis e inclusivos, para compreender as formas de operar dessas famílias em seus diferentes contextos, por meio de uma visão positiva que respeite e acolha suas singularidades.

O trabalho social não deve sobrecarregar ou responsabilizar o grupo familiar, considerando-o como o principal instrumento de enfrentamento da situação de pobreza e risco social. A fragilidade e vulnerabilidade da família, como já mencionado, são consequências do modo contemporâneo de organização. Nessa perspectiva, os programas sociais voltados a ela devem procurar apoiá-la e fortalecê-la num contexto social inclusivo, reconhecendo e respeitando a pluralidade de arranjos familiares, bem como sua diversidade cultural.

O acompanhamento familiar do programa Família Paranaense, por entender a importância do fortalecimento das famílias, propõe uma perspectiva apreciativa,

aqui definida como o ato de reconhecer o melhor nas pessoas, afirmando as forças, sucessos e potenciais, do passado e do presente, e valorizando aspectos fundamentais da vida, como saúde, vitalidade e excelência (Cooperrider & Whitney, 2005) e (Cooperrider, 1990).

O paradigma colaborativo postula que apreciar, valorizar, sonhar e construir coletivamente são formas de atuação que motivam a formulação de vivências protagonizadas, baseadas na inclusão e nas pluralidades. Para tanto, acolhe as dificuldades e promove as competências e habilidades, validando as potencialidades na dinâmica familiar. Segundo Sousa e Ribeiro (2005), identificar as competências das famílias significa auxiliá-las a reconhecer os próprios recursos, desenvolvendo sua capacidade de autogestão. Assim, elas deixam de ser um objeto de mudança e se empoderam, de maneira a se tornarem sujeitos de mudança, reconhecidos pelos seus potenciais e narrativas de superação.

Os diálogos com caráter apreciativo fortalecem, dessa maneira, a autopercepção da família, podendo colaborar para a perspectiva de um futuro mais favorável, onde os sonhos e mudanças possam estar presentes. Isso se deve, principalmente, ao fato de que essas famílias tendem a vivenciar o presente, o agora, com base enraizada no passado.

As narrativas dessas famílias são centradas no passado e no presente e são marcadas por significados repletos de falhas e experiências ligadas a sofrimentos e dor. Focalizadas nessa visão, torna-se difícil, para elas, refletir e colocar perspectiva no futuro. A preocupação dessas famílias se concentra em como viver no presente. Por isso, elas não definem objetivos a médio ou longo prazo e nem constroem projetos para o futuro (Reis, 2012).

Considerando tais circunstâncias, romper ciclos de pobreza e exclusão social representa um desafio, que se inicia na transformação da relação entre instituições, comunidade, técnicos e família. O que vai garantir o sucesso dos programas sociais é o estabelecimento de uma relação construtiva, colaborativa e confiável entre os serviços/profissionais e a família.

A partir de uma aproximação respeitosa, de um olhar generoso e empático, que valoriza e reconhece seus sonhos, aspirações e talentos, é viável a

construção de metas com um significado real para a família. Dessa forma, seus desejos adquirem uma grande importância, e esse significado poderá servir como fio condutor para a construção dessas metas.

Para Freire (2001), sonhar é imaginar um horizonte de possibilidades. Desse modo, o sonho - o olhar confiante no futuro - pode inspirar a família a se movimentar em direção a um ciclo de mudanças apreciativas, além de influenciar suas decisões e ações no presente. Para tanto, o diálogo e a reflexão são ações imprescindíveis, que devem ser incorporadas aos processos de apoio familiar.

Ressalta-se que o termo apoio familiar vem sendo usado em muitos programas sociais da América Latina, que elegeram como meta colaborar com a família na aquisição de novas competências e no fortalecimento dos seus vínculos familiares e comunitários. Aqui, o apoio não é um fim em si, mas uma estratégia para levar aos processos, que envolvem mudanças subjetivas, e ao acesso à estrutura de oportunidades.

Acompanhamento Familiar: Proximidade e Continuidade

O objetivo do acompanhamento familiar é desenvolver estratégias orientadas, especificamente, para interromper as trajetórias de exclusão social e intervir a curto, médio e longo prazo sobre os fatores que explicam as condições de vulnerabilidade e risco.

Diferença entre Atendimento e Acompanhamento

Torna-se importante, para a correta compreensão da metodologia do acompanhamento, diferenciar as duas formas de inserção das famílias nos serviços: atendimento e acompanhamento, conforme conceituação apresentada no Caderno de Orientações Técnicas do PAIF Vol.2 — Trabalho Social com Famílias do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF):

Atendimento

[...] uma ação imediata de prestação ou oferta de atenção, com vistas a uma resposta qualificada de uma demanda da família ou do território.

Acompanhamento

[...] um conjunto de intervenções, desenvolvidas de forma continuada, a partir do estabelecimento de compromissos entre famílias e profissionais, que pressupõem a construção de um Plano de Acompanhamento Familiar, com objetivos a serem alcançados, a realização de mediações periódicas, a inserção em ações do PAIF e a busca pela superação gradativa das vulnerabilidades vivenciadas.

Na definição do PAIF, o acompanhamento é um conjunto de intervenções desenvolvidas em serviços continuados, com objetivos estabelecidos, que envolvem processos de longo prazo, possibilitando à família o acesso a um espaço onde possa refletir sobre sua realidade, construir novos projetos de vida e transformar suas relações (sejam essas familiares ou comunitárias). Trata-se de um processo tecnicamente qualificado, executado por profissionais de nível superior e com base em pressupostos éticos, diretrizes teórico-metodológicas, conhecimento do território e das famílias que ali residem.

Em documento de análise de modelos de acompanhamento, promovida pelo BID (2013), registra-se:

Que a abordagem familiar, baseada no acompanhamento, é uma metodologia de trabalho que transmite conteúdos e aborda atitudes, disposições e práticas para transformar a distribuição de ativo e passivos na família e que enfatiza o fortalecimento das capacidades familiares.

MODELO DE ACOMPANHAMENTO FAMILIAR DO PROGRAMA FAMÍLIA PARANAENSE

O acompanhamento familiar do programa Família Paranaense apoia as potencialidades e recursos das famílias, a fim de que possam acessar integralmente a estrutura de oportunidades relativas à educação, saúde, trabalho e assistência social. Da mesma forma, tem o intuito de promover espaços e ações que favoreçam o fortalecimento dos vínculos familiares e a gestão comunitária.

Estrutura do Acompanhamento Familiar

O acompanhamento familiar é constituído por uma trajetória de quatro etapas, com objetivos e conteúdos definidos para cada etapa. Essas etapas seguem uma progressão predefinida, dentro de um processo desenhado que contém, aproximadamente, 14 encontros com a família, ao longo de 24 meses.

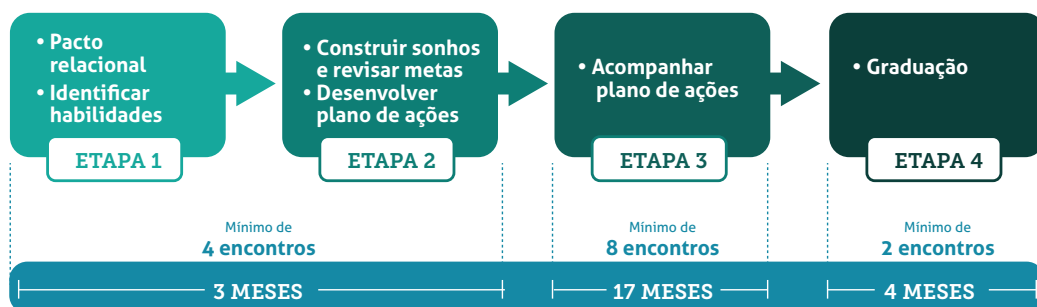


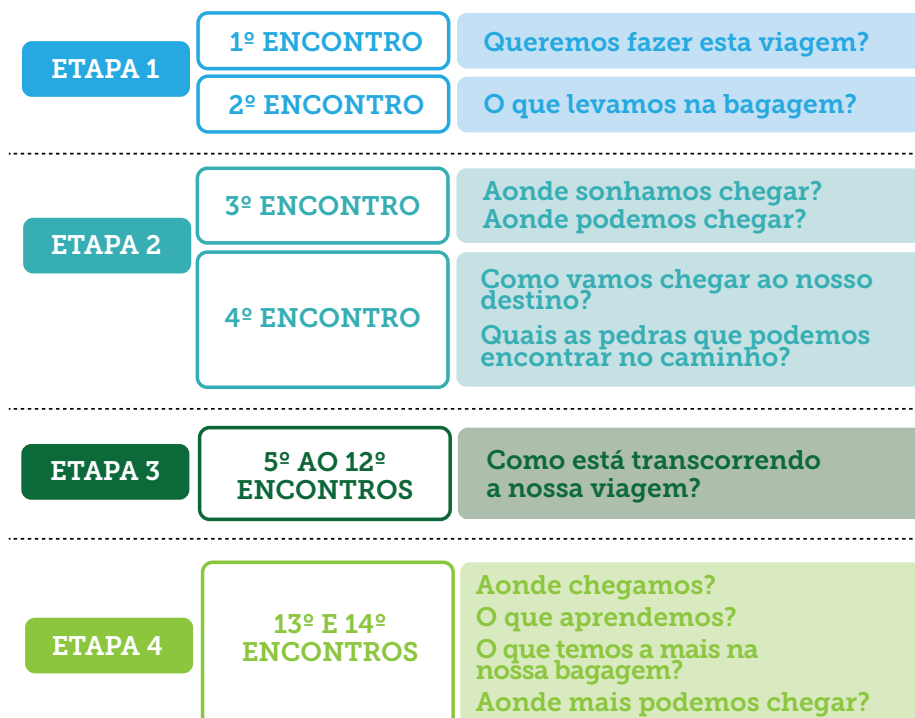
Fig1. - Síntese das etapas do modelo de acompanhamento familiar.

A metáfora da viagem

Quando se pretende colocar em prática uma ação, a metáfora é uma ferramenta rica. Por meio dela, é possível criar um cenário com elementos representativos do que se pretende trabalhar, facilitando o surgimento de novas perspectivas para reflexão e ação.

Para o desenvolvimento metodológico do acompanhamento, foi adotada a metáfora de uma viagem. Sua eleição se deu porque viagem é uma palavra que sinaliza oportunidade de alguém ser transportado para outro lugar. Essa palavra também pressupõe o uso de verbos que indicam movimento e mudança (ir, seguir, partir, evoluir) e envolve organização, planejamento e estratégia.

Cada encontro das quatro etapas do processo de acompanhamento será balizado com perguntas-chave, relativas ao desenvolvimento da viagem, e que representam o tema de cada encontro.



O Papel do Técnico de Referência da Família

A família terá como técnico de referência um profissional com curso superior nas áreas de serviço social, psicologia ou pedagogia. Esse profissional é quem terá a relação de maior proximidade com a família, será seu parceiro no decorrer de todas as etapas previstas no processo do acompanhamento familiar e estabelecerá as pontes necessárias entre a família e o comitê local. Esse técnico exercerá uma posição-chave no desenvolvimento e no sucesso do acompanhamento familiar.

Famílias em alta vulnerabilidade, na sua grande maioria, possuem pouca experiência de relacionamentos estáveis e duradouros. Em muitos casos, sentem-se desvalorizadas e incompetentes nas suas relações afetivas e sociais. Portanto, o técnico de referência pode representar uma das poucas relações construtivas e estáveis da família. Esse vínculo poderá ter um efeito direto sobre a identidade familiar, pois na medida em que ela experimenta relações de apoio e confiança, poderá incorporar, no seu repertório de vida, os aspectos positivos dessa experiência. Essa relação também servirá como um facilitador para o surgimento de novas perspectivas sobre si mesma e, recorrentemente, pode favorecer a abertura de novas possibilidades.

A efetividade dessa relação está intimamente ligada à qualidade do vínculo estabelecido com a família e com as habilidades apresentadas por esse profissional. Para tanto, é importante que o profissional tenha as seguintes habilidades e competências:

- Capacidade para uma escuta curiosa e generosa;
- Facilidade em estabelecer relações empáticas;
- Comunicação clara;
- Flexibilidade para atuar em situações diversificadas;
- Criatividade para enfrentar situações complexas;
- Facilidade para criar uma atmosfera facilitadora;
- Capacidade de favorecer conexões e práticas que resgatem os saberes das famílias/indivíduos;
- Habilidade para respeitar valores, crenças e costumes das famílias;
- Habilidade de dissolver crenças limitadoras, estereótipos e pressuposições;
- Habilidade para pensar e agir com flexibilidade.

Estrutura dos Encontros

Os encontros previstos para a realização do acompanhamento deverão, preferencialmente, contar com a participação de todos os membros da família. Esses encontros poderão ter uma modalidade individual ou grupal, à exceção do primeiro, que deverá ser individual, em visita domiciliar.

A escolha pela modalidade de atendimento vai depender da disponibilidade do técnico e da logística necessária para a realização dos encontros:

- Encontros individuais com a família deverão ter a duração de 1 (uma) hora;
- Encontros grupais com famílias deverão ter uma duração aproximada de 2 (duas) horas;

Independentemente se forem individuais ou grupais, os encontros deverão seguir o seguinte fluxo:

ABERTURA

Inicia-se com o técnico informando à família sobre o objetivo do encontro e, em seguida, convidando-a a estabelecer uma pauta para esse encontro.

DESENVOLVIMENTO

Momento em que o técnico e a família vão desenvolver o conteúdo da pauta estabelecida.

FECHAMENTO

O técnico fará uma breve edição (resumo), salientando os pontos mais importantes que foram tratados e combinará o próximo encontro. Agradecerá a hospitalidade, disponibilidade e confiança da família.

DOCUMENTOS DE REGISTRO

A ficha de registro (onde consta o número do encontro, data, participantes e o resumo) deverá ser utilizada em todos os encontros com a família. Ela representa um diário de viagem. O plano de viagem será utilizado a partir do segundo encontro e o ecomapa*, que é um documento de registro, terá seu uso indicado de forma eventual.

MATERIAL DE APOIO

A cada encontro, será indicado e disponibilizado o material de apoio necessário para o seu desenvolvimento.

*Diagrama de relações entre família e comunidade de ajuda, criado por Ann Hartman, em 1975.

ETAPA 1

ENCONTRO 1

Pacto Relacional

Pergunta-chave:
Queremos fazer esta
viagem?

ENCONTRO 2

Identificando
Habilidades e
Competências

Pergunta-chave: O que
levo de bagagem?

Encontro 1 – Pacto Relacional

Pergunta-chave: Queremos fazer esta viagem?

A pergunta-chave desse encontro remete ao convite para a jornada, uma viagem em direção a uma melhor qualidade de vida, que requer um planejamento do que levar na bagagem, de onde se quer chegar, aonde é possível chegar, qual a rota escolhida e quais obstáculos que poderão surgir no processo.

Objetivos:

- Apresentar a proposta e informar sobre os objetivos e condicionais do programa Família Paranaense e do acompanhamento familiar;
- Mapear os vínculos da família com a estrutura de oportunidades, especialmente em relação à educação, saúde, assistência social e trabalho;
- Efetivar o pacto da família com o programa.

Dicas

- Escutar com generosidade é investir na relação de confiança e proximidade. Há um nível de conversa e de relação que só acontece com o tempo, por isso, não tenha pressa;
- Embora a família esteja te recebendo em casa, é importante ter em mente que você é responsável pela “hospitalidade” e pelas “boas vindas” da família ao programa;
- Essa acolhida vai influenciar sensivelmente na qualidade do vínculo e da aderência da família ao programa;
- Seja assertivo para estabelecer uma relação de confiança. Isso envolve empatia, escuta ativa e comunicação clara;
- Solicite que a família relate o que ela entendeu do que foi informado/conversado. Isso irá ajudar a esclarecer equívocos e dúvidas, bem como, minimizar falhas na comunicação.

CONTEÚDO DO ENCONTRO

Abertura:

O técnico de referência deverá iniciar esse contato, esclarecendo para a família o motivo da visita e a pauta que deseja desenvolver.

Desenvolvimento:

1º momento – informar sobre os objetivos, finalidades e condicionalidades do programa Família Paranaense e do acompanhamento familiar; esclarecer as dúvidas; levantar e parear expectativas da família em relação ao programa e ao acompanhamento.

* Caso a família já tenha pactuado com o programa, o técnico de referência deverá apresentar a proposta de acompanhamento familiar e esclarecer as possíveis dúvidas em relação ao programa.

2º momento – ler a carta de participação, esclarecer as possíveis dúvidas e assinar a carta com a família, a fim de pactuar a relação entre ela e o programa/acompanhamento.

3º momento – construir, junto com a família, o ecomapa, informando sobre a importância dessa ferramenta para avaliar seus vínculos com a estrutura de oportunidades.

Encerramento:

Em conjunto, fazer uma pequena edição do que foi desenvolvido e definido no encontro. Agradecer a hospitalidade, disponibilidade e confiança da família e marcar o próximo encontro.

Documentos de registro:

- Carta de participação do acompanhamento familiar;
- Ecomapa;
- Ficha de registro dos encontros.

Ecomapa

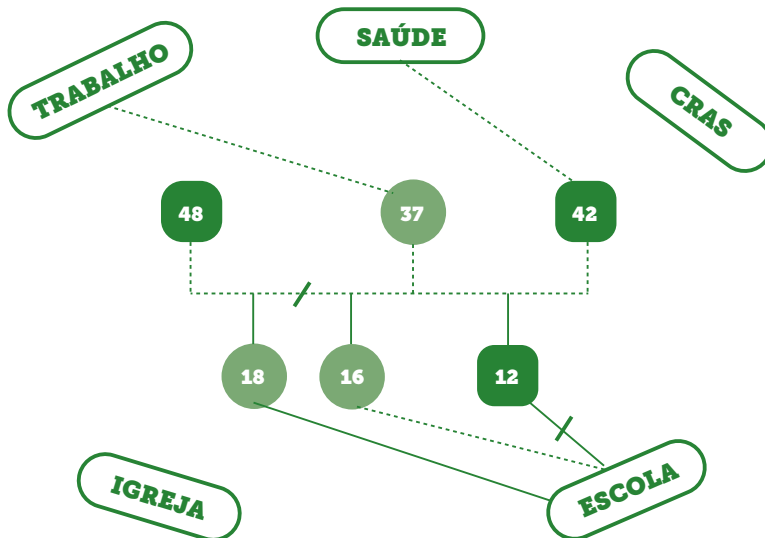
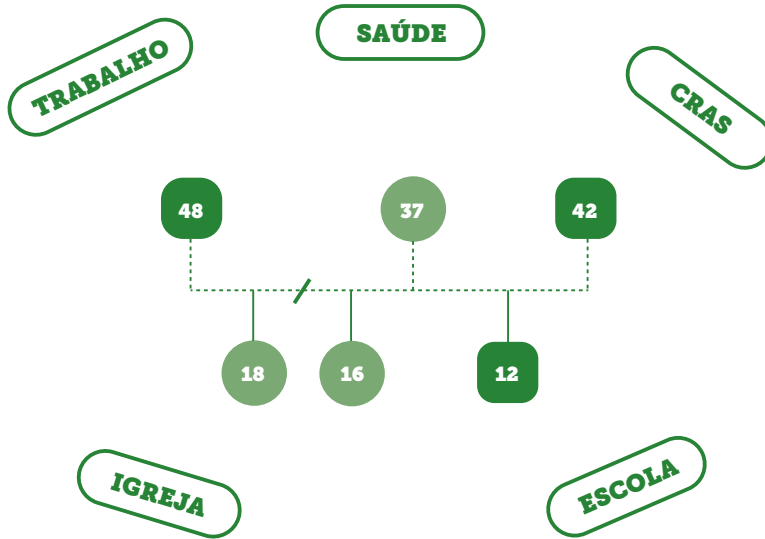
O ecomapa foi desenvolvido por Ann Hartman, em 1975, no âmbito da sua experiência de trabalho social na Universidade de Michigan. É um diagrama das relações entre a família e a comunidade de ajuda, que fotografa o intercâmbio dinâmico entre os membros da família com os sistemas extrafamiliares, como escola, trabalho, saúde, igreja, assistência social, instituições, grupos etc. Por meio desse instrumento, é possível avaliar a utilização do sistema de apoio disponível.

Um dos propósitos do ecomapa é a participação ativa da família na sua elaboração, pois construir e visualizar graficamente a relação entre ela e a rede de apoio contribui para uma melhor percepção da sua vinculação com a rede.

O ecomapa é representado por um diagrama onde a família aparece no centro do círculo. Os serviços, instituições e grupos significativos são representados nos círculos externos.

CONEXÃO ENTRE A FAMÍLIA E A REDE

Após a confecção da representação da família e dos sistemas extrafamiliares, são colocadas as linhas de conexão entre a família e a rede.



Encontro 2 – Identificando Habilidades e Competências

Pergunta-chave: O que levo de bagagem?

A pergunta-chave deste encontro convida a identificar **O QUE TEMOS** de competências e habilidades na bagagem e que poderão ser utilizadas para realizar a viagem.

Objetivo:

- Identificar as habilidades e qualidades individuais e do grupo familiar.

Dicas

- Fazer perguntas sobre o que é valorizado é expandir e construir possibilidades;
- As perguntas são como fios condutores até às áreas potenciais da família;
- É importante o técnico adotar uma escuta curiosa para formular perguntas que convidem a família a falar por si mesma, partindo de suas próprias reflexões, narrativas e experiências.

CONTEÚDO DO ENCONTRO

Abertura:

O técnico de referência deverá iniciar este contato esclarecendo para a família o motivo da visita e a pauta que deseja desenvolver com a mesma.

Desenvolvimento:

1º momento – o técnico de referência vai convidar a família a buscar, no passado, os momentos de superação. Para isso, ele utilizará perguntas apreciativas. Toda a atenção deverá ser colocada nas histórias de sucesso, invocando os relatos e as experiências que deram certo. Dessa maneira, estará colaborando para que a família e seus membros identifiquem suas competências.

2º momento – pesquisar as habilidades individuais e o que cada um sabe e gosta de fazer.

3º momento – anotar as habilidades e competências da família no plano de viagem.

Encerramento:

Em conjunto, fazer uma pequena edição do que foi desenvolvido e revelado nesse encontro sobre as habilidades e competências da família. Agradecer a hospitalidade, disponibilidade e confiança da família e marcar o próximo encontro.

Material de Apoio:

- Sugestão de perguntas apreciativas;
- Lista de qualidades individuais;
- Perguntas diretas sobre os recursos/habilidades/qualidades;
- Lista de qualidades da família.

Documentos de registro:

- Mapa de viagem 1 - Construindo nosso Plano;
- Ficha de registro dos encontros.

ETAPA 2

ENCONTRO 3

Construindo Sonhos e Metas

Perguntas-chave:

- Aonde sonhamos chegar?
- Aonde podemos chegar?

ENCONTRO 4

Desenvolvendo o Plano de Ação

Perguntas-chave:

- Como vamos chegar ao nosso destino?
- Quais as pedras que podemos encontrar no caminho?

Encontro 3 – Construindo Sonhos e Metas

Perguntas-chave: Aonde sonhamos chegar? Aonde podemos chegar?

As perguntas-chave colaboram para a definição de ONDE se deseja CHEGAR e quais são as possibilidades de se chegar.

Objetivos:

- Identificar as aspirações e sonhos da família, fortalecendo sua capacidade de traçar objetivos que promovam a qualidade de vida;
- Apoiar o acesso da família à estrutura de oportunidades, especialmente em relação à saúde, educação, trabalho e assistência social.

Dicas

- Coloque atenção nos sonhos da família que estão conectados à estrutura de oportunidades;
- Fique atento às habilidades e competências já elencadas. Elas são potentes recursos para a realização dos sonhos e metas da família;
- Quando a família consegue olhar para um futuro pleno de possibilidades, ela poderá engajar em ações com perspectivas mais positivas para a construção desse amanhã;
- Inspirar uma visão positiva do futuro é fortalecer a esperança;
- Para esse encontro, você vai precisar de uma relação atualizada do que está sendo ofertado na estrutura de oportunidades do seu município.

CONTEÚDO DO ENCONTRO

Abertura:

O técnico de referência deverá iniciar o encontro com a breve edição do encontro anterior, informar sobre o objetivo deste encontro, estabelecer a pauta e perguntar se querem agregar algum item a ela.

Desenvolvimento:

1º momento – tratar sobre sonhos e metas por meio de uma projeção positiva do futuro. Essa ação está pautada na teoria da imagem do futuro, a qual sugere que as imagens que temos do amanhã influenciam as nossas decisões e ações do presente. Portanto, nesse encontro, a família e seus membros são convidados a pensar sobre melhores possibilidades. Essa construção coletiva, por meio de um olhar apreciativo do futuro, servirá de guia na busca de oportunidades e novas possibilidades.

2º momento – após a identificação dos sonhos, aspirações e metas, convidar a família a fazer uma análise que considere os seguintes pontos de reflexão:

- A meta/sonho é mensurável?
- É possível de atingir?
- É coerente com os recursos e capacidades da minha família neste momento?
- Ela é relevante?
- Por que é importante para minha família?
- As metas são concretas?
- Por que queremos alcançar?
- Em quanto tempo desejamos atingir este sonho/meta?
- Quanto tempo será necessário para alcançá-los?

3º momento – após passar os sonhos e metas por essa “peneira” reflexiva, fazer a lista dos sonhos e definir as metas ligadas à estrutura de oportunidades.

4º momento – apoiar a família para estabelecer uma ordem de prioridade na lista.

Encerramento:

Em conjunto com a família, fazer uma pequena edição do que foi desenvolvido sobre sonhos e metas. Agradecer a hospitalidade, disponibilidade e confiança da família e marcar o próximo encontro.

Documentos de registro:

- Mapa de viagem 1 - Construindo nosso Plano;
- Ficha de registro dos encontros.

Encontro 4 – Desenvolvendo o Plano de Ação

**Perguntas-chave: Como vamos chegar ao nosso destino?
Quais as pedras que podemos encontrar?**

As perguntas-chave deste encontro têm a função de contribuir para a reflexão sobre COMO a família chegará ao seu destino, O QUE ela terá que fazer e QUAIS serão os desafios.

Objetivos:

- Desenhar um plano de ação com as estratégias elencadas para se alcançar os sonhos/metastabelecidos;
- Definir as ações a serem desenvolvidas;
- Levantar os desafios.

Dicas

- Para esse encontro, será necessária uma relação das ações disponibilizadas pela estrutura de oportunidades e pelos serviços comunitários do município;
- As metas precisam fazer sentido para família;
- Tenha expectativas realistas sobre o progresso das famílias. Sempre transmita uma mensagem positiva e de esperança e busque alternativas criativas.

CONTEÚDO DO ENCONTRO

Abertura:

O técnico de referência deve iniciar este encontro com a breve edição do encontro anterior, colocar o objetivo deste encontro, estabelecer a pauta e perguntar se querem agregar algum item a ela.

Desenvolvimento:

1º momento – inicia-se com a reflexão sobre as seguintes perguntas:

- O que temos que fazer para atingirmos nossos sonhos/metastas?
- Das habilidades que possuímos, quais favorecem a realização dos meus sonhos/metastas?
- De qual ajuda necessitamos para alcançar nossos sonhos/metastas?
- Quais os recursos da rede social (comunidade/família/serviços) que podem nos ajudar?
- Quais as dificuldades que poderemos encontrar? (Quais são as pedras no caminho?)

2º momento – o técnico, junto com a família, vai desenhar as ações necessárias para que a família atinja seus sonhos/metastas e definir o tempo que se pretende para cada ação.

Encerramento:

Em conjunto com a família, fazer uma pequena edição do que foi definido nesse encontro, agradecer a hospitalidade, disponibilidade e confiança da família e marcar o próximo encontro.

Documentos de registro:

- Mapa de viagem 1 - Construindo nosso Plano
- Ficha de registro dos encontros.

ETAPA 3

ENCONTROS 5 AO 12

Acompanhamento do Plano de Ação

Perguntas-chave:

- Como está transcorrendo a nossa viagem?

Encontro 5 ao 12 – Acompanhamento do Plano de Ação

Perguntas-chave: Como está transcorrendo a nossa viagem?

Essa pergunta-chave tem a função de convidar a família a fazer uma **AVALIAÇÃO** do desenvolvimento da sua viagem.

Objetivos:

- Acompanhar o desenvolvimento das metas/sonhos e das atividades elencadas no plano de ação;
- Verificar o cumprimento das ações conforme a ordem de prioridade;
- Identificar o que já foi conquistado;
- Levantar as dificuldades encontradas;
- Realinhar ou redimensionar metas conforme as necessidades e possibilidades.

Dicas

- Partindo de um olhar apreciativo, identificar as experiências que estão colaborando na construção de uma autoimagem mais positiva;
- Acolher as dificuldades da família, buscando com ela alternativas criativas;
- Lembre-se de apoiar o nível motivacional da família.

CONTEÚDO DO ENCONTRO

Abertura:

Informar sobre o objetivo deste encontro, estabelecer a pauta e perguntar se querem agregar algum item a ela.

Desenvolvimento:

1º momento – revisar os vínculos da família com o sistema de oportunidades por meio do ecomapa e realinhar ou redimensionar os sonhos/metasp conforme as eventuais mudanças ocorridas na vida da família.

2º momento – acompanhar o desenvolvimento do plano de ação ordenando as metas pelas categorias:

- A serem desenvolvidas;
- Em desenvolvimento básico;
- Em desenvolvimento avançado.

3º momento – levantar e refletir sobre as dificuldades (pedras no caminho) que tenham surgido, bem como refletir sobre as possibilidades e recursos de superação.

Encerramento:

Em conjunto com a família, fazer uma pequena edição do que foi definido nesse encontro, agradecer a hospitalidade, disponibilidade e confiança da família e marcar o próximo encontro.

Material de Apoio:

- Plano de Ação.

Documentos de registro:

- Mapa de viagem 2 - Acompanhando nosso Plano;
- Ecomapa;
- Ficha de registro dos encontros.

ETAPA 4

ENCONTROS 13 E 14

Graduação

Perguntas-chave:

- Aonde chegamos?

Encontro 13 e 14 – Graduação

Perguntas-chave: Aonde chegamos?

Objetivos gerais:

- avaliar os ganhos;
- parear expectativas de saída;
- traçar planos de continuidade.

Objetivos específicos:

- refletir sobre o que aprendemos sobre nós mesmos, sobre a família e sobre a comunidade;
- levantar os efeitos das conquistas;
- refletir sobre o que não podemos esquecer;
- listar as conquistas;
- reconhecer o protagonismo;
- reaplicar o ecomapa.

Dicas

- Lembre-se de dizer à família o que você aprendeu com ela;
- Faça diploma das habilidades da família e seus membros;
- Convide a família para colaborar com as famílias que ainda estão em processo de acompanhamento.

CONTEÚDO DO ENCONTRO

Desenvolvimento:

1º momento – as reflexões, nesses últimos encontros, são fundamentais para a família incorporar as lições aprendidas durante o processo do acompanhamento, identificar questões relevantes e verificar o impacto desta experiência na vida da família.

Os dois últimos encontros serão voltados ao reforço do aprendizado, perpassando pelas perguntas chaves de final de viagem:

- Aonde chegamos?
- O que aprendemos?
- O que temos a mais em nossa bagagem?
- Aonde mais podemos chegar?

2º momento – o relato do técnico para a família sobre a sua experiência com o acompanhamento, o que aprendeu com esse processo, o que a família lhe ensinou e o que leva desta experiência.

Documentos de registro:

- Mapa de viagem 3 - Concluindo nosso Plano;
- Ficha de registro dos encontros.

ANEXOS



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Família
e Desenvolvimento Social

CARTA DE PARTICIPAÇÃO

Sua família está aceitando o convite para participar do acompanhamento familiar do programa Família Paranaense.

Sua família terá direito a:

- ser claramente informada sobre o programa;
- participar da construção e realização do Plano de Ação;
- desistir da participação caso deseje.


Sua família terá o compromisso de:

- informar ao técnico(a) de referência sobre alterações na situação familiar. Por exemplo, mudança de endereço.

Nome, município e assinatura
Técnico de Referência

Nome, NIS e assinatura
Responsável Familiar

Data ____/____/____

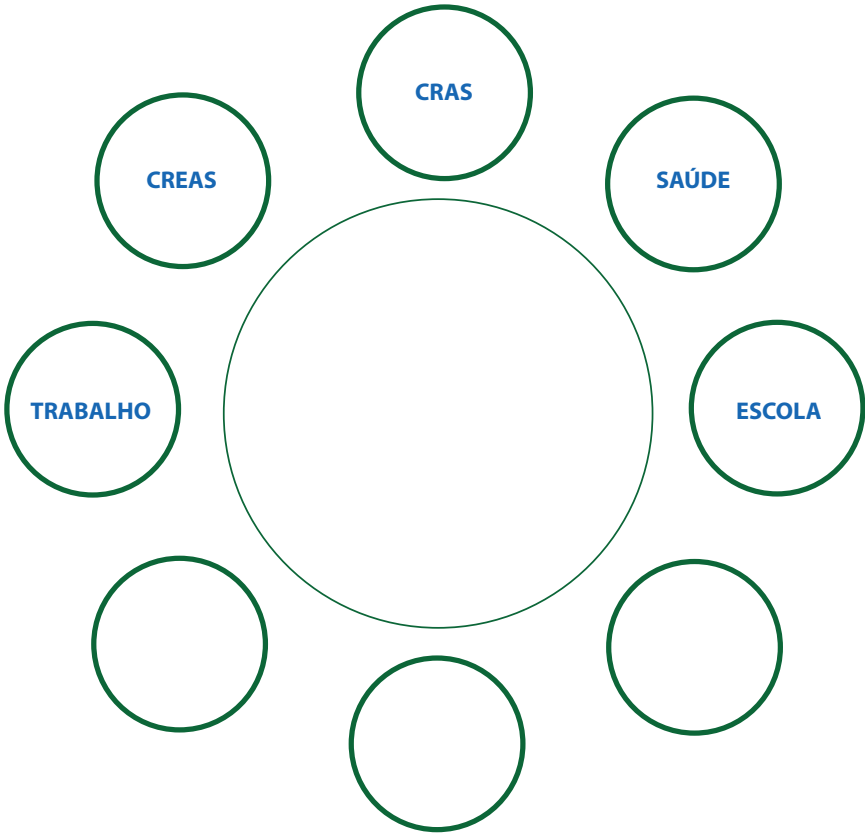


ACOMPANHAMENTO FAMILIAR
ECOMAPA





Data de Preenchimento

Município Técnico(a)

Responsável Familiar



LEGENDA

-  Vínculo forte
-  Vínculo frágil
-  Vínculo rompido
-  Vínculo inexistente

Nos círculos em branco, podem ser adicionados outros grupos, serviços e equipamentos com os quais a família tem vínculos, como grupos comunitários, instituições religiosas, atividades culturais, associações de moradores etc.



ACOMPANHAMENTO FAMILIAR

FICHA DE REGISTRO DE ENCONTROS

MUNICÍPIO

RESPONSÁVEL FAMILIAR

ENCONTRO Nº

DATA

MODALIDADE

 Individual Grupal

LOCAL

TÉCNICO(A) RESPONSÁVEL

PARTICIPANTES DA FAMÍLIA

EDIÇÃO DO ENCONTRO

ENCONTRO Nº

DATA

MODALIDADE


 Individual Grupal

LOCAL

TÉCNICO(A) RESPONSÁVEL

PARTICIPANTES DA FAMÍLIA

EDIÇÃO DO ENCONTRO



MAPA DE VIAGEM 1

O QUE LEVAMOS NA BAGAGEM?					
HABILIDADES INDIVIDUAIS		HABILIDADES DA FAMÍLIA		IMAGENS DA FAMÍLIA	
ONDE QUEREMOS CHEGAR?					
SONHOS INDIVIDUAIS		SONHOS DA FAMÍLIA		QUAIS SÃO AS PEDRAS DO CAMINHO?	
				DESAFIOS	
NOME DA FAMÍLIA		MUNICÍPIO			
CÓDIGO FAMILIAR		TÉCNICA(O) DE REFERÊNCIA			

MAPA DE VIAGEM 2 - ACOMPANHANDO NOSSO PLANO

EIXO: _____		META _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____	
EIXO: _____		META _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____	
EIXO: _____		META _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____		DATA: ____/____/____ STATUS: <input type="radio"/> 0 <input type="radio"/> 1 <input type="radio"/> 2 RELATO _____ _____ _____	

NOME DA FAMÍLIA _____

CÓDIGO FAMILIAR _____

TÉCNICO(A) DE REFERÊNCIA _____

MUNICÍPIO _____

FAMILIA
PARANENSE
UMA NOVA VIDA COMEÇA AQUI.

MAPA DE VIAGEM 3 - CONCLUINDO NOSSO PLANO

AOONDE CHEGAMOS? O QUE APRENDEMOS? O QUE TEMOS A MAIS NA BAGAGEM? AOONDE MAIS PODEMOS CHEGAR?

REGISTROS FINAIS SOBRE O ACOMPANHAMENTO FAMILIAR

MATERIAL DE APOIO**SUGESTÃO DE PERGUNTAS APRECIATIVAS**

1. Poderia contar uma história de superação?
2. Qual a maneira que você ou sua família utilizou, na época, para superar esse desafio?
3. Qual a habilidade que foi utilizada?
4. Quando foi que você ou sua família aprendeu ou descobriu que tinha essa habilidade?
5. Essa habilidade foi aprendida com alguém?
6. Se sua família ou você conquistasse um título por conta dessa habilidade, qual seria?
7. O que é importante para você(s)?
8. O que isso diz sobre os valores de vocês?
9. Quais esperanças e sonhos estão associados a esses valores?
10. Quais esperanças você(s) tem para a família?
11. Quais foram os fatores que te ajudaram a alcançar algum objetivo?
12. O que foi preciso fazer para conseguir?
13. E quando você ou sua família entram em ação para solucionar/ resolver algo, quais habilidades/qualidades utilizam?
14. Quais são as qualidades que vocês mais apreciam na família?

MATERIAL DE APOIO

PERGUNTAS SOBRE OS RECURSOS/HABILIDADES/QUALIDADES

1. Qual habilidade/qualidade que você reconhece na sua família?
2. Qual habilidade/qualidade que você reconhece no outro?
3. Qual habilidade/qualidade que você acha que sua família reconhece em você?
4. De onde vem sua força?
5. Qual habilidade/qualidade que você reconhece em você?

LISTA DE QUALIDADES DA FAMÍLIA

Somos uma família unida	Somos uma família carinhosa
Somos uma família trabalhadora	Somos uma família lutadora
Somos uma família com projetos	Expressamos nossos afetos
Conversamos sobre nossas vidas	Nos escutamos
Escutamos e damos valor para as opiniões	Nos queremos
Nos cuidamos	Nos respeitamos
Somos uma família que apoia e ajuda os outros	Sabemos pedir ajuda
Somos uma família solidária	Somos uma família otimista
Somos boas pessoas	Somos uma família alegre
Somos uma família perseverante	Celebramos juntos os momentos importantes
Nos apoiamos	Somos uma família criativa
Somos uma família organizada	Somos uma família sociável
Somos uma família que tem sonhos	Somos uma família confiante

MATERIAL DE APOIO**LISTA DE QUALIDADES INDIVIDUAIS**

Afetivo(a)	Focado (a)
Alegre	Generoso (a)
Amável	Honesto (a)
Amistoso(a)	Inteligente
Animado(a)	Justo (a)
Autoconfiante	Leal
Bem-humorado(a)	Motivado (a)
Bom (a)	Observador (a)
Companheiro (a)	Organizado (a)
Conciliador (a)	Otimista
Corajoso (a)	Ouvinte
Criativo (a)	Paciente
Dedicado (a)	Proativo (a)
Determinado (a)	Protetor (a)
Empático (a)	Prudente
Empreendedor (a)	Responsável
Estudioso (a)	Simpático (a)
Extrovertido (a)	Tolerante
Flexível	Trabalhador (a)

Referências bibliográficas

ANTUNES, R. (2005). *Los sentidos del trabajo. Ensayos sobre la afirmación y la negación del trabajo*. Ed. Herramientas, Buenos Aires

AZBEK, M. C. (2001). *Pobreza e exclusão: expressões da questão social no Brasil*. Rev. Temporalis AABEPSS, Brasília.

BAUMAN, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

BRASIL. (2004). *Política Nacional de Assistência Social – PNAS*. Brasília.

BRASIL. MDS. (2011). *Secretaria Nacional de Assistência Social. O CRAS que temos, o CRAS que queremos*. Volume 1. Orientações Técnicas. Metas de Desenvolvimento. Período 2010/2012. Brasília,

CHIESA, M; e COL (2015). *Múltiples hilos de una acción educativa: Los procesos de crecimiento en familias integradas a un programa de proximidad*. In I Coloquio Regional Familias Contemporâneas – Intervenções Contemporâneas. Uruguai

CONANDA/CNAS.(2006). *Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente*. Conselho Nacional de Assistência Social, Brasília. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/pp/a_pdfdht/plano_nac_convivencia_familiar.pdf

COOPERRIDER, D. L. & WHITNEY, D. (2005). *Investigação apreciativa: uma abordagem positiva para a gestão de mudanças* (N. Freire, Trad.). Qualitymark, Rio de Janeiro.

COOPERRIDER, D.L. (1990). *Positive image, positive action: The affirmative basis of organizing*. In S. Srivastva, & D.L. Cooperrider (Eds.), *Appreciative management and leadership* (pp. 91-125). Jossey-Bass, San Francisco.

GIDDES, A. (2002). *Modernidade e Identidade*. Editora Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.

JARA, P. & SORIO, R. (2013). *Análisis de modalidades de acompañamiento familiar en programas de apoyo a poblaciones vulnerables o en situación de pobreza*. BID Technical. Montevidéo

KATZMAN, R. (1999). *Activos y estructuras de oportunidades: estudios sobre las raíces de la vulnerabilidad social en Uruguay*. In Orientações Técnicas sobre o PAIF. Trabalho Social com Famílias do Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família - PAIF. 1 pg. 12 MDS Brasília.

KAZTMAN, R. (1999). *Marco conceitual sobre activos, vulnerabilidad y estructura de oportunidades*. Comisión Económica para América Latina y el Caribe-CEPAL, Oficina de Montevideo <http://www.cepal.org/publicaciones/xml/6/10816/LC-R176.pdf>

MARTÍ, J.B., (2006). *La vulnerabilidad relacional: Análisis Del fenómeno y pautas de intervención*. In REDES - Revista hispana para el análisis de redes sociales. 11 (4). Acesso em 05 de fevereiro de 2013 em <http://revista-redes.rediris.es>.

MIOTO, R.(2010). *Família e Assistência Social: Subsídios para o Debate dos Assistentes Sociais*. In: Duarte, Marco José de Oliveira; Alencar, Mônica Maria Torres. (Org.). *Família e Famílias: Práticas Sociais e Conversações Contemporâneas*. Editora Lumen Juris, Rio de Janeiro.

PINTOS, M.; ASKINAS, L.(2015). *Límites, alcances y tensiones de la intervención familiar: aportes desde el departamento de atención integral a familias*. In I Coloquio Regional Familias Contemporáneas - Intervenciones Comtemporáneas. Universidade de La república. Uruguay.

REIS, I. G. (2012). *Intervenção Social com Famílias Multiproblemáticas: Diálogos entre a Sistêmica e a Mediação*. Dissertação de mestrado. Universidade Fernando Pessoa Faculdade das Ciências Humanas e Sociais, Porto.

RODRIGUES, S. (2013). *Emergência de abordagens colaborativas na intervenção com famílias vulneráveis*. In Rivero, C. Sousa, L. Grilo, P. Rodrigues, S. Manual - Práticas Colaborativas e Positivas na Intervenção Social. Edição EAPN Núcleo Distrital de Leiria, Portugal.

SEPULVEDA, M. (2011). *El riesgo como dispositivo de gobierno: neoprudencialismo y subjetivación*. Revista de Psicología, v. 20, n. 2 Chile.

SINGLY, F.(2008). *Sociologia da Família Contemporânea*. Editora FGV, São Paulo.

SOUSA, L., HESPANHA, P., RODRIGUES, S. e GRILO, P. (2007). *Famílias pobres: desafios à intervenção social*. Climepsi Editors, Lisboa.

SOUSA, L., RIBEIRO, C. (2005). *Percepção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências*. Edições Colibri, Psicologia. Vol. XIX Lisboa.

SUGESTÕES DE PRÁTICAS COM FAMÍLIAS

ATIVIDADES EM GRUPO
CONTOS
PRÁTICAS NARRATIVAS COLETIVAS

ATIVIDADES EM GRUPO

Esta parte do guia disponibiliza um cardápio de metodologias coletadas, em múltiplas fontes referenciadas, como boas práticas para o trabalho com grupos/família/indivíduos/comunidades.

A utilização das atividades sugeridas irá depender do contexto da modalidade de ação:

- Grupos temáticos – abordar temas objetivos e pontuais com caráter informativo, como aqueles ligados à saúde, educação, trabalho e assistência social.
- Grupos de processo – grupos destinados a trabalhar conteúdos subjetivos ligados a processos de mudança. Por exemplo, autonomia, vínculos, empoderamento etc.
- Atividades comunitárias que influenciem na qualidade dos vínculos comunitários, bem como a potencialização de recursos promotores da gestão coletiva.

1. A origem do nome e o tema atual da minha vida

Objetivo: Promover a interação entre os integrantes do grupo, o contato com a sua história e convidá-los para uma reflexão sobre o momento atual de suas vidas.

Material: canetas hidrográficas coloridas, cartolina ou crachás.

Desenvolvimento:

- 1) Pedir para cada participante dizer a origem e história do nome. Caso tenha um apelido, falar como ele surgiu. Dizer se gosta ou não do nome/apelido e como gostaria de ser chamado nesse grupo.
- 2) Escolher uma metáfora que represente o momento da sua vida (animal/flor/música/objeto/estação do ano etc).
- 3) Escolher uma forma de representar isso. Por exemplo, cartaz, mural, crachá etc.

Quando o grupo é de processo, no último encontro, é possível voltar a essa metáfora escolhida. É importante refletir se a metáfora escolhida é a mesma ou se mudou. Se ela mudou, perguntar qual seria a metáfora agora.

2. Desenho da Família

Objetivo: Promover o entrosamento, trocas e empatia entre os membros do grupo.

Material: papel sulfite e canetas hidrográficas coloridas.

Desenvolvimento:

- 1) Cada pessoa desenha em uma folha de papel sulfite a sua família e as pessoas significativas em sua vida, independente de morarem ou não na mesma casa.
- 2) Em duplas, uma apresenta para a outra a sua família desenhada.
- 3) Voltando para o grupo, cada um apresenta a família e as histórias que escutou de seu parceiro como se fosse a sua, na primeira pessoa. Ex: minha família é assim...
- 4) Discussão coletiva sobre a experiência.

3. Dinâmica das Flores

Objetivo: valorizar aquilo que é precioso.

Material: cartolina recortada no formato de pétalas e folhas.

Desenvolvimento:

- 1) Nas folhas e nas pétalas de flores, cada pessoa escreve coisas que são importantes em sua vida.
- 2) Socializar com o grupo o que escreveu e, ao final, todos montam a sua flor.
- 3) Fechar o processo com uma grande discussão coletiva sobre a experiência.

4. Dinâmica das Pedras

Objetivo: refletir sobre obstáculos e desafios que a vida nos impôs.

Material: pedras.

Desenvolvimento:

- 1) Refletir sobre os obstáculos e desafios impostos pela vida. Para isso, é possível utilizar um conto para inspirar a reflexão.
- 2) Oferecer uma caixinha com pedras, sendo que cada pedra representará um obstáculo ou desafio do passado, do presente ou do futuro.
- 3) Encerrar com uma reflexão sobre a experiência, podendo utilizar o texto "Milho de Pipoca", de Rubem Alves.

MILHO DE PIPOCA

Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho para sempre.

Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo, fica do mesmo jeito a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e de uma dureza assombrosas. Só que elas não percebem e acham que seu jeito de ser é o melhor.

Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos: a dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, um filho, o pai, a mãe, o emprego ou ficar pobre. Pode ser fogo de dentro: pânico, medo, depressão ou sofrimento, cujas causas ignoramos.

Há sempre o recurso do remédio: apagar o fogo! Sem fogo, o sofrimento diminui. Com isso, a possibilidade da grande transformação, também. Imagino que a pobre pipoca, dentro da panela fechada, cada vez mais quente, pense que chegou a sua hora: vai morrer. Dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, não pode imaginar um destino diferente para si.

Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada para ela. A pipoca não imagina aquilo do que é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: bum! E ela aparece como outra coisa completamente diferente, algo que nunca havia sonhado.

Bom, mas ainda temos o piruá, que é o milho de pipoca que se recusa a estourar. São como aquelas pessoas que, por mais que o fogo esquente, recusam-se a mudar. A presunção e o medo são a casca dura do milho que não estoura. No entanto, o destino delas é triste, já que ficarão duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca, macia e nutritiva. Não vão dar alegria a ninguém.

5. Linha do Tempo

Objetivo: refletir sobre os movimentos da vida na linha do tempo, desafios, ganhos e aprendizados.

Material: um pedaço de corda, pedras e flores (pode ser de papel ou natural).

Desenvolvimento:

Esticar uma corda no chão, que representará a linha da vida. Cada participante colocará flores e pedras nesta corda, narrando passagens marcantes de sua vida.

- A linha da vida poderá ser feita individualmente e depois a do grupo, ou somente individual ou do grupo.



6. Sobre o que Queremos em Família ou Grupo

Objetivo: refletir sobre o que queremos ou o que não queremos na relação familiar.

Material: papel grande, canetas hidrográficas coloridas.

Desenvolvimento:

Desenhar um círculo em um papel grande. Dentro do círculo, cada pessoa escreve ou desenha o que gostaria que estivesse presente nas relações familiares ou qual é o seu ideal de família. Fora do círculo, escrever ou desenha o que gostaria que ficasse fora das relações.

7. Projeto Álbum de Família

Objetivos:

- Resgatar o senso de identidade familiar através da história e do reconhecimento da resiliência;
- Desenvolver o sentimento de pertença;
- Resgatar a história da família;
- Refletir sobre a percepção do cotidiano da família e de seu território através das fotos.

Material: cartolina, canetas hidrográficas coloridas, cola branca, máquina fotográfica ou celular com câmera, fotocópia das fotos.

Desenvolvimento:

1º ENCONTRO

- Em duplas, compartilhar as histórias das fotografias da família de origem e, para quem não tiver fotos, eleger, desenhar e descrever uma cena da família de origem;
- Socializar as fotos e as histórias do(a) parceiro(a) com o grupo;
- Colocar o material desenvolvido em um mural;
- Encerrar com uma reflexão sobre a importância das histórias originais e das memórias;
- Solicitar ao grupo que, para o próximo encontro, traga fotos tiradas no cotidiano de suas casas com cenas ou imagens significativas que não incluam pessoas.

2º ENCONTRO

- Partilhar com o grupo as imagens escolhidas e descrever o significado de cada imagem, trocando percepções sobre as suas e as do grupo;
- Encerrar com uma reflexão sobre a experiência;
- Colar as fotos do encontro num painel;
- Para o próximo encontro, os participantes terão que recolher imagens do cotidiano de sua rua/bairro/território. As cenas capturadas devem ter representatividade e significado para a pessoa.

3º ENCONTRO

- Socializar as imagens escolhidas e descrever o significado de cada imagem, trocando percepções sobre suas imagens e as do grupo;
- Encerrar com uma reflexão sobre a experiência;
- Colar as fotos deste encontro num painel;
- Para o próximo encontro, deverão trazer fotos do cotidiano das pessoas de sua família e fotos da família reunida.

4º ENCONTRO

- Apresentar para o grupo as imagens referentes a este encontro;
- Em duplas, conversar sobre o que cada um estava pensando ou sentindo enquanto tirava a foto, o que enxerga de melhor em sua família e o que sonha para sua família, olhando agora para a foto;
- Trocar com o grupo maior o que foi a experiência entre as duplas.

5º ENCONTRO

- Selecionar as fotos que deseja colocar no álbum da família;
- Colar as fotos no álbum e, se possível, colocar títulos ou criar uma narrativa para o álbum.

6º ENCONTRO – ENCERRAMENTO

- Apresentação dos álbuns;
- Para selar o processo, é interessante fazer uma exposição com as melhores fotos, bem como um documento coletivo com um tema que foi eleito pelo grupo para compartilhar (ver em práticas narrativas).

Dica

- Permitir que convidem outras pessoas para o encerramento.

8. Para Quem eu Tiro o meu Chapéu

Objetivo: refletir sobre as competências.

Material: papéis dobrados em branco, caixinha, chapéu e espelho.

Desenvolvimento:

- 1) Colocar o espelho no fundo do chapéu;
- 2) Entregar um pequeno papel e pedir para cada um escrever seu nome. Recolher os papéis, dobrá-los e colocá-los numa caixa;
- 3) Convidar alguém do grupo para dar início à atividade. O facilitador pega um dos papéis, "finge" colocar no fundo do chapéu e solicita ao participante que diga, sem revelar o nome, o porquê de "tirar o chapéu" para aquela pessoa;
- 5) Após todos do grupo tirarem o chapéu, refletir coletivamente sobre como foi a experiência.

Dica

- É importante que o grupo não perceba que a pessoa está falando de si mesma, a fim de que a dinâmica mantenha o efeito surpresa para aqueles que ainda não tiraram o chapéu.

Contos de tradição oral utilizados como metáforas reflexivas

Tanto no trabalho individual quanto nos grupos e nas famílias, o conto tem se mostrado uma rica ferramenta, devido ao seu potencial transformador, pois convida, por meio de seu enredo, a um novo olhar sobre outros sentidos e significados da experiência humana.

A maioria dos contos possui conteúdo de resistência, superação e alternativas de enfrentamento. São fontes inspiradoras para a reflexão sobre a adversidade e a vulnerabilidade, pois além de estimularem o imaginário, proporcionam a identificação com o enredo dos personagens.

O conto envolve três dimensões da experiência humana:

- 1) Trata da relação com a transcendência, ao abrir um espaço no qual é possível encontrar um sentido para as experiências vividas.
- 2) Trata da relação com o outro, com a sociedade e com o mundo. Aprende-se o que vale a pena evitar e o que é esperado de um herói ou de um personagem qualquer, para que seja possível viver em harmonia com a comunidade.
- 3) Trata da relação consigo mesmo. O fato de ter heróis que deverão lutar contra suas próprias fraquezas e suas limitações instiga a sensação de que ninguém está só e nem é pior do que o outro. Inspira a cada um ser herói de sua própria história e a vencer os obstáculos por meio de suas próprias decisões e escolhas.

Encontramos a resiliência nas figuras dos heróis, para quem são necessárias forças heroicas para se sobrepor à adversidade, crescer e aprender com ela. A fragilidade pode se transformar em riqueza interna. Já a fraqueza, em força; e as dificuldades, numa gama de novas possibilidades.

Os contos oferecem também a possibilidade do exercício do humor, da inteligência e da flexibilidade. Trabalhar com o impossível provoca o riso. Eles são uma fonte abundante de sentimentos restaurativos, pois resgatam o senso de amor, compaixão, alegria e orgulho e sugerem a leveza para se lidar com a vida. O humor e as emoções positivas neutralizam as resistências e suavizam as relações. Humor vem de húmus. Húmus é o que nutre a terra. O humor nutre a vida. A capacidade de rir e achar graça são sinais primorosos de que a resiliência está presente.

Vamos então aos contos, ao fantástico mundo do "Era uma vez..."

A ÚLTIMA FOLHINHA VERDE

Para quando se perde a esperança

Há muito tempo, no hemisfério norte, havia um rei que estava de cama, muito doente e morrendo lentamente.

Porém, mais forte do que a doença que lhe consumia, era o profundo desânimo que lhe tocava a alma. O rei havia desistido de viver.

Sua filha vinha vê-lo todos os dias e tentava animá-lo, lembrando dos bons momentos da vida. Mas em vão, pois ele não reagia. O rei havia desistido de viver.

Passava os dias inteiros na cama, olhando para a janela à sua frente e observando uma grande árvore que ia lentamente perdendo suas folhas, porque o outono havia chegado.

Em uma manhã, quando a filha tentava animá-lo, o rei lhe disse:

- Sabe, filha, quando aquela árvore perder a última de suas folhas, terá chegado a minha hora de morrer...
- Que é isso pai? Que tolice! Por que amarrar o seu destino ao destino de uma árvore?

Mas o rei não a ouviu, tão absorto estava em sua melancolia.

A filha então compreendeu que existem momentos em que as palavras ficam muito pobres e não dão mais conta de acender uma luzinha no coração das pessoas.

Resolveu agir.

Assim que o pai adormeceu, a moça entrou no quarto com um pincel e um potinho de tinta verde. Subiu em um banquinho e pintou, no vidro da janela, bem na direção da árvore que seu pai olhava, uma folhinha verde.

À medida que o outono ia avançando e o inverno tomava seu lugar, as folhas da árvore desprenderam-se todas e saíram dançando ao vento...

O rei observava cuidadosamente todos os seus movimentos. Observava, especialmente, certa folhinha verde muito teimosa e persistente, que não se movia do lugar e ficava agarrada à árvore, não importava o quão forte fosse o vento, quão inclemente fosse a chuva.

Até que a neve chegou e cobriu a árvore com um manto branco. Mas de sua cama, o rei havia atado o fio da vida àquela folhinha verde e continuava olhando-a fixamente.

E foi assim, agarrando-se à folhinha verde, que o rei atravessou o inverno de sua doença e o inverno de sua alma.

Então, quando a primavera chegou, muitas novas folhinhas cobriram a árvore e aquela pequena folha verde ficou perdida entre tantas outras. O rei encontrou seu ânimo, sua vontade de viver e ficou de pé. Voltou à vida.

Mais tarde, enquanto limpava a folhinha pintada na janela, a filha pensou:

Espero que algum dia, se o desânimo tomar conta do meu ser, alguém consiga oferecer uma folhinha verde, para que eu possa receber, por meio dela, a seiva da vida.

PERGUNTAS REFLEXIVAS

- O que ou quem é a minha folha verde?
- A vida e as suas estações: estou no outono, inverno, primavera ou verão?
- Para quem eu sou a folha verde?
- Quais foram as minhas folhas verdes quando, em outros momentos, entrei no inverno da minha vida?

O QUADRO DE PANO

Um conto que fala de sonho, perseverança, valores, amor e o que realmente tem importância para as relações humanas

Era uma vez, em uma região árida no pé das montanhas, uma pobre viúva que tinha três filhos. O maior não prestava para grande coisa e tão pouco o segundo. O caçula, que era filho carinhoso e trabalhador, sempre procurava ajudar a mãe no que podia.

A mãe ficava tecendo o dia todo. Levava seus tecidos prontos para a feira de uma cidade vizinha, recebendo, em troca, dinheiro suficiente para comprar comida para ela e para os filhos.

O caçula costumava catar lenha em uma floresta próxima, enquanto os outros dois irmãos ficavam espreguiçando-se ao sol, esperando que a mãe providenciasse comida.

Um dia, a mãe acabou de vender seus brocados um pouco mais cedo que o de costume e foi então dar uma volta pela feira. Seus olhos pousaram numa linda tela pendurada numa loja. Era um quadro reproduzindo uma montanha parecida com a que havia atrás de sua aldeia. Só que perto dela, em vez de cabanas pobres, havia um grupo de lindas casas limpinhas. Entre elas, a mais bonita era uma casa de andares, situada no meio de um jardim atravessado por um riacho prateado que formava um pequeno lago, no qual se agitavam peixinhos vermelhos. Aves de galinheiro ciscavam aqui e acolá e belas ovelhas brancas pastavam nas ladeiras das montanhas. Campos de milho dourados se estendiam a perder de vista. Culminando esta tela idílica, havia no topo da montanha um grande sol de fogo.

A mãe ficou pasma com a beleza do quadro e não se cansava de olhá-lo. Tirou todo o dinheiro que tinha no bolso que acabara de receber pelos próprios tecidos e comprou o quadro. "Só uma vez", pensava. "Não será tão terrível. Na próxima vez, comprarei alguma coisa melhor para os meus filhos". No caminho, parava de vez em quando para desenrolar o quadro e admirá-lo. Como as casas

brilhavam! Como o riacho cintilava! Tinha até impressão de que podia sentir o perfume das flores que embelezavam o jardim. Nunca tinha se sentido tão feliz em toda a sua vida.

Em casa, a mãe pendurou o quadro perto da porta. Não conseguia tirar os olhos de lá. Os dois filhos maiores resmungaram e acharam ridículo gastar tanto dinheiro só para comprar um quadro. Mas o caçula declarou: "Gostaria que você tivesse uma casa parecida com a desse quadro, mamãe. Com um jardim igualzinho. Se eu fosse você, teceria um quadro de pano usando esse aqui como modelo. Enquanto você estiver tecendo a casa, as flores, o riacho e as galinhas, você terá a impressão de já ser dona de tudo isso".

Os irmãos mais velhos logo interviram:

- Não fique pondo essas ideias na cabeça da mamãe! Se ela começar a tecer por prazer, onde é que nós vamos encontrar dinheiro pra viver?"
- É claro, se a mamãe quer viver como uma grande dama, que espere pela outra vida.

No entanto, a ideia do filho caçula a seduzia.

- Não temam que eu vá prejudicá-los, meus filhos. Vou tecer à noite e de manhãzinha para meu prazer. E o resto do dia, para alimentá-los. Até agora alimentei vocês e vou continuar fazendo.

Então, ela comprou os fios mais lindos e se pôs a tecer.

A mãe passou um longo ano, sentada, tecendo. À noite, acendia uma tocha cuja fumaça provocava lágrimas em seus olhos. Uma a uma, as gotas cristalinas caíam sobre o pano que estava tecendo e elas iam se incorporando ao quadro. Foi assim que teceu o lago e o riacho, com suas lágrimas.

No segundo ano, os pobres olhos da mãe estavam tão irritados que até sangravam, e eram lágrimas vermelhas que caíam sobre o brocado. A mãe as ia incorporando ao quadro, tecendo flores vermelhas e o sol, que iluminava o céu. No terceiro ano, o quadro estava terminado. Continha tudo o que estava no modelo: uma região cheia de verduras no pé da alta montanha, casinhas que pareciam de prata, campos de milho dourado, jardins com legumes, árvores

frutíferas, arbustos floridos, e, na beira da aldeia, no lugar da pobre cabana da mãe, havia uma grande construção, com colunas vermelhas, portas amarelas e telhado azul. Atrás da casa, nas ladeiras verdes da montanha, pastavam ovelhas, búfalos e vacas. Pintinhos amarelos e patinhos brincavam na grama e pássaros cruzavam o céu em voo rápido. Em primeiro plano, havia um jardim cheio de árvores e flores brilhantes e, no centro, um laguinho com peixinhos vermelhos. Um riacho prateado atravessava os campos de arroz. Atrás da aldeia, havia campos de milho dourado e, bem acima, um sol de cobre que brilhava num céu azul.

A mãe enxugou os olhos avermelhados e exibiu um sorriso de satisfação.

- Venham ver como está bonito, meus filhos!
- Quanto dinheiro dariam por isso, hein! Se você o vendesse... – disse o filho mais velho.
- Por uma coisa assim você poderia ganhar uma bela soma! – completou o do meio.
- A nossa mãe construiu uma casa de seda para nós, vamos contemplá-la! Viveremos nela em pensamento!
- Teci este quadro para o meu prazer e não quero vendê-lo, mas aqui na penumbra não se enxerga muito bem tudo o que há nele. Vamos levá-lo para fora, para a luz do dia.

A mãe pendurou o quadro fora da casa e todas as cores ficaram mais intensas. Lá, à luz do dia, é que se podia ver realmente o quanto era bonito. Os vizinhos vieram admirá-lo e cada um cumprimentava a mãe, que sorria de felicidade. De repente, ela sentiu no rosto a carícia de uma brisa leve. O pano de seda balançou. Um vento mais forte o sacudiu como um tapete do qual se tira o pó, e por fim, ele foi arrancado da porta de onde estava pendurado. Num instante, o quadro saiu voando pelos ares. A mãe deu um grito e desmaiou. Os filhos procuraram por toda redondeza, mas ninguém encontrou o quadro de pano da mãe.

Depois do sumiço, a mãe começou a vagar como uma alma penada. O caçula

tentava consolá-la como podia, preparando sopas de gengibre, mas a mãe ia definhando rapidamente. Depois de algum tempo, a mãe falou para o filho mais velho:

- Filho, se você quer que eu viva, vá procurar o meu quadro de pano e o traga de volta. Sem ele é como se eu tivesse perdido uma parte da minha vida.

O filho calçou suas sandálias e saiu em direção ao leste. Andou meses a fio até chegar a um desfiladeiro onde havia uma casinha de pedra. Na frente da casa, havia um cavalo esticando o pescoço em direção a uns morangos.

- Por que o cavalo não come os morangos? Por que será que ele fica assim, esticando o pescoço e de boca aberta?

Ao se aproximar, constatou que o cavalo era de pedra. Ficou muito surpreso com isso. Enquanto estava lá, contemplando o cavalo, estarecido, uma velha sorridente saiu da casa de pedra.

- O que você está procurando, meu filho?

- Eu estou procurando um quadro de pano que nossa mãe teceu. Nele tinha, minha mãe tinha reproduzido uma paisagem: uma casa, um riacho, um jardim, aves, o sol, flores... Olha, pra ela fazer este quadro, não comemos bem durante anos. Mal ela acabou de tecê-lo, o vento o levou Deus sabe para onde. Mamãe me pediu para procurá-lo. Por acaso não sabe onde ele está?

- Sim, sei. Foram as fadas da montanha ensolarada que pegaram emprestado o quadro. Querem usá-lo como modelo para tecerem um brocado igualmente bonito.

- Fico feliz em saber para onde dirigir meus passos para reencontrá-lo. A senhora poderia me indicar o caminho da montanha ensolarada? Quero ir logo lá, assim vou ficar tranquilo.

- É fácil dizer, mas difícil de realizar. Só se pode chegar lá montado neste cavalo aqui.

- Mas este cavalo é de pedra!

- Pouco importa. O cavalo voltará à vida assim que você implantar seus dentes nas gengivas dele, para que ele possa comer os morangos. Se você quiser, eu te ajudo a arrancar seus dentes com aquela pedra. Mas isso não é nada. O cavalo fará você atravessar as chamas de um vulcão e o gelo de uma geleira. E só depois, além do mar, você vai encontrar a montanha ensolarada e as fadas. Agora, se durante o percurso, você suspirar uma vez apenas, as chamas vão reduzi-lo a cinzas. Os pedaços de gelo da geleira vão quebrá-lo todo e as ondas do mar vão afogá-lo.

O filho mais velho recuou dois passos olhando para o caminho de onde tinha vindo.

- Se você não estiver disposto, não se esforce. Melhor voltar para casa. Eu vou lhe dar uma caixinha cheia de moedas de ouro para a sua caminhada.
- A senhora vai me dar, sem mais nem menos, essas moedas? Sem nada em troca?
- Sim! Assim por nada. Ou, se você quiser, para que você coma e não sinta fome.
- Hum... de fato, é verdade. Eu prefiro voltar para casa. Pegou as moedas de ouro e sumiu pelo mesmo caminho do qual tinha vindo. No caminho, foi pensando: "Para uma pessoa apenas essas moedas são suficientes. Mas para quatro, são poucas. É melhor eu ir à cidade do que voltar para casa. Vou viver como um senhor". E tomou o caminho que levava à cidade.

Vendo, com o tempo, que o filho mais velho não voltava, um dia, a mãe falou para o segundo filho:

- Seu irmão está viajando Deus sabe onde. Sem dúvida se esqueceu de nós. Vá, meu filho, vá ver se encontra meu belo quadro de pano.

O filho do meio calçou suas sandálias e se pôs a caminho. Andou um dia, uma semana, um mês e chegou à casinha de pedra. Viu o cavalo de pedra esticando o pescoço em direção aos morangos. A velha apareceu à porta, perguntando:

- Que bons ventos o trazem por aqui, meu filho?

- Estou procurando um quadro de pano que minha mãe teceu. O vento o levou.
- Seu irmão mais velho já passou por aqui, mas teve medo de reconquistar o quadro de pano, porque teria que atravessar chamas e geleiras montado naquele cavalo.
- Mas é um cavalo de pedra!
- Se você me deixar arrancar seus dentes com uma pedra, para implantá-los no cavalo, ele reviverá. Comerá os morangos e poderá levá-lo até as fadas da montanha ensolarada que lhe devolverão o quadro.
- Há! Era só o que me faltava! Deixar extrair meus dentes! Prefiro voltar para casa!
- Neste caso, vou lhe dar um cofrezinho cheio de moedas de ouro. Seu irmão também as recebeu.
- Ah... então foi por isso que meu irmão não voltou para casa. E fez bem! Aproveitou melhor o seu dinheiro em outro lugar.

Então, o irmão do meio pegou a caixinha com as moedas de ouro que a velha lhe ofereceu e agradeceu educadamente, pensando em sumir o mais rapidamente de lá e ir direto à cidade.

- Ulula! Agora eu vou aproveitar a vida! Por que eu iria repartir com os meus irmãos?

Ao cabo de um mês, a mãe chamou o caçula e lhe disse:

- Filho, me sinto fraca como uma mosca e, se não encontrar o meu quadro, creio que não vou resistir por muito tempo mais. Meus dois filhos maiores devem estar passeando quem sabe onde! Sem dúvida se esqueceram de nós. Em você, sempre tive mais confiança. Vá à procura de meu quadro!

O filho caçula calçou suas sandálias e partiu. Chegou ao desfiladeiro, em frente à casinha de pedra e do cavalo de pedra com a cabeça esticada para os morangos. Na porta da casa se encontrava a velha, que parecia esperar por ele. Ela o recebeu dizendo:

- O caminho que leva para o quadro de pano é difícil. Os seus irmãos maiores preferiram receber de mim uma caixinha com moedas de ouro e ir gastá-las na cidade.
- Eu não temo nada! Eu não preciso de ouro! As moedas de ouro não irão devolver a saúde à minha mãe. Mas que devo fazer eu para recuperar o quadro de pano?

A velha explicou ao caçula o caminho que atravessava as chamas e o gelo. Também lhe disse que poderia reanimar o cavalo se arrancasse os próprios dentes e os implantasse na boca do cavalo. Mal acabara de lhe dar esta explicação, o rapaz já tinha apanhado uma pedra, quebrado seus dentes e implantado na boca do cavalo. O cavalo se reanimou, comeu os morangos e o rapaz montou nele, partindo imediatamente.

- Não se esqueça: não pode dar nenhum suspiro! Mesmo que as chamas estejam queimando você ou o gelo ferindo seu corpo, senão você vai morrer.

Ofegante, o moço cavalgava cada vez mais para o interior do rochedo até chegar a um lugar cheio de chamas que saíam das entranhas da terra. As chamas o queimavam, mas ele não deu nenhum suspiro. Já estava achando que as chamas iriam acabar com ele, quando o cavalo deu um grande salto e eles foram parar num caminho bem estreito e bem sombrio.

Incitando o cavalo para continuarem a corrida, andaram assim por muito, muito tempo, até que o rapaz começou a sentir um ar gelado. Ao longe, ouvia-se um barulho estrondoso. Mais uma vez, deu uma esporada no cavalo. Corriam como o vento, quando, de repente, o caminho estreito entre as rochas se abriu. O cavalo parou de supetão. O rapaz começou a tremer de frio. Olhando em volta, até onde a vista podia alcançar, só se via gelo. Era uma imensa geleira com enormes icebergs ameaçadores, que se chocavam com grande estrondo. Do outro lado da geleira, avistava-se, bem longe, uma alta montanha verde.

- É a montanha ensolarada! Rápido cavalo! Estamos quase chegando!

O cavalo, sem hesitar, jogou-se nas ondas geladas. Aquele gelo movediço queimava e feria a pele do cavaleiro, mas o rapaz serrou a boca e não deixou

nenhum suspiro escapar de seus lábios. Quando já estava quase se afogando, o cavalo conseguiu alcançar a margem. O bom sol secou as roupas, secou as feridas e, antes que ele pudesse compreender o que se passava, já se encontrava no topo da montanha.

Diante de seus olhos, brilhava um palácio de cristal e, vindos do jardim, ouviam-se risos e cantos de algumas jovens. O rapaz entrou pelo portal de honra do pátio e apeou do cavalo. Viu à sua frente um grupo de belas moças ocupadas em tecer um pano. No meio delas, encontrava-se o quadro de sua mãe. Ao perceberem que o rapaz estava ali, as moças abandonaram seus teares e vieram ao seu encontro, rindo.

Uma delas, bem miudinha, com um vestido vermelho, encantou-o particularmente. A seguir, uma bela dama aproximou-se do rapaz. Ela usava um vestido brilhante como os reflexos do sol no mar. Seus cabelos compridos estavam presos por um pente de ouro.

- Sou a rainha das fadas. Nunca ninguém vem aqui. Por que você empreendeu esta viagem tão cheia de perigos?
- Vim à procura do quadro de pano de minha mãe. O vento o trouxe até vocês e minha mãe ficou doente por causa disso.
- Não foi por mero acaso que o vento levou o quadro de pano de sua mãe. Fomos nós que ordenamos que ele fizesse isso. Queríamos nos servir dele como modelo para tecermos, também, um lindo quadro. Se você puder emprestá-lo por mais esta noite, amanhã poderá levar embora. Enquanto isso, você é nosso hóspede.

O rapaz parecia viver um sonho. As fadas o rodearam rindo e fizeram com que ele provasse o néctar e a ambrosia, como convém aos imortais. Logo em seguida, continuaram seu trabalho. Ficaram tecendo a tarde toda. Ao cair o crepúsculo, suspenderam no teto uma pérola que brilhava na noite para poderem continuar tecendo até meia-noite.

O rapaz estava esgotado de tantas emoções e adormeceu sem perceber. Enquanto isso, as fadinhas acabavam, uma após outra, seu trabalho no tear, indo se deitar. Somente a mais jovem ficou acordada, aquela que tinha agradado ao

rapaz à primeira vista. Ela ficou olhando o quadro da mãe. Nenhuma fada tinha conseguido tecer um quadro tão lindo como aquele. Nenhum riacho brilhava tanto como aquele que tinha sido tecido com as lágrimas da mãe e nenhum sol queimava tanto quanto o que fora tecido com as lágrimas do sangue dela. A jovem olhou o rapaz adormecido e teve uma ideia. Pegou um fio e bordou no quadro da mãe uma fadinha de vestido vermelho, em pé, perto do lago, olhando para os peixes vermelhos.

O rapaz acordou à meia-noite, a sala estava vazia. Só havia lá o quadro tecido por sua mãe. Ficou um pouco admirado e depois pensou:

- Por que esperar até amanhã? Minha mãe está doente e seu estado piora a cada dia.

Enrolou o pano, colocou o casaco, montou no cavalo e se pôs a caminho. Foi em vão que as ondas do mar lançaram nele os maiores gelos e que as chamas do vulcão tentaram engoli-lo. O rapaz não deu suspiro nenhum e, antes que pudesse se dar conta, estava na frente da casinha de pedra. A velinha já estava espiando sua chegada pela porta.

- Estou feliz de vê-lo de volta, rapaz. Você é um menino bom e valente. Você conseguiu o que queria. Vou devolver-lhe seus dentes.

Retirou os dentes do cavalo e os reimplantou na boca do rapaz. No mesmo instante, o cavalo virou pedra.

- Pegue estas sandálias de pele de cervo. Ao calçá-las, você retornará à sua casa no mesmo instante.

O rapaz agradeceu muito a boa velha por sua ajuda, calçou as sandálias de pele de cervo e, sem saber como, foi parar na frente da casa onde tinha nascido. Uma vizinha aproximou-se ao vê-lo chegar. De cabeça baixa, disse a ele:

- É bom que você tenha voltado. Ninguém sabe o que vai acontecer com a sua mãe. Não sai mais de casa e enxerga cada vez menos.

O rapaz entrou correndo em casa, gritando:

- Olhe mamãe! Olhe logo! – E mostrou o pano que tinha guardado embaixo

do seu casaco. O quarto se iluminou todo quando ele desenrolou o brocado.

Mas a mãe não respondia. Desesperado, o rapaz a procurou pela casa até vê-la, deitada no chão. Abraçou muito forte seu corpo, deitou-a na cama e, chorando, olhou para o quadro de pano. Nesse momento, como por mágica, a mãe despertou.

Quando ela percebeu que seu filho tinha trazido seu quadro de volta, deu um grito de alegria. No mesmo instante, estava curada. Pulou fora da cama, surpresa ao ver as forças lhe voltarem. Olhou para o quadro e, de repente, estava enxergando muito bem. Depois, rogou ao filho:

- Leve o quadro para fora, filho, para eu poder vê-lo melhor.

O filho levou o quadro até a luz exterior e o desenrolou. As cores brilhavam. De repente, houve uma ventania e o quadro foi se desenrolando mais longe, cada vez mais longe, até cobrir toda a paisagem em volta. Tão longe quanto se podia enxergar viam-se campos de milho dourado, manadas de ovelhas, nuvens de pintinhos amarelos correndo por todo lado, no meio de patinhos. Um belo jardim atravessado por um riacho e as mais lindas flores. Tudo na natureza era como no quadro. Das casinhas prateadas saíam, agora, os vizinhos maravilhados, não acreditando no milagre.

O filho pegou a mãe pela mão e a levou para o jardim. Foram devagar em direção ao lago, não se cansando de ver tantas maravilhas. De repente, o rapaz parou estupefato, o coração batendo a mil por hora. Perto do lago, estava a fadinha miudinha de vestido vermelho a lhe sorrir.

- De onde você vem?

A mocinha pôs-se a rir, piscando os olhos:

- Eu me bordei no quadro de sua mãe e você me trouxe junto. Já que o brocado tomou vida, meu lugar também é aqui.

A mãe olhou muito feliz:

- Temos agora uma grande casa, com uma filha que me fazia falta!

A fada olhou para o rapaz e ele se aproximou dela, dizendo:

- Você me aceita como esposo?

Ela respondeu que sim, com um leve sinal de cabeça. Houve uma grande festa de casamento. Além dos vizinhos, a mãe convidou os mendigos da região. Os irmãos maiores souberam de tudo. Já fazia muito tempo que haviam gasto todas as moedas de ouro e, como estavam acostumados a serem alimentados pelos outros, tornaram-se mendigos. Mas quando chegaram à casa e viram as mudanças que ali aconteceram, tiveram vergonha de suas roupas esfarrapadas e preferiram não entrar. Foram embora, perdendo-se no mundo.

O caçula, ao lado da mulher fada e da mãe, viveu feliz por muito tempo, numa região rica e ensolarada. E essa família nunca mais deixou de acreditar nos seus sonhos.

PERGUNTAS REFLEXIVAS

- Eu tenho sonhado?
- Se sonho, o sonho é para mim ou para os outros?
- O que faço com os meus sonhos?
- Eu tenho tecido algum sonho?
- Quem me ajuda a buscar meus sonhos?
- Quais foram os sonhos que realizei?
- Qual competência/habilidade utilizei para conquistá-lo?

DICAS

- Após feita a reflexão sobre o conto, pedir ao grupo para escolher uma forma de fazer o seu quadro dos sonhos. Pode ser com desenho ou qualquer outra forma artesanal. Por exemplo, uma colcha de retalhos coletiva com os sonhos de cada pessoa do grupo.

A RAINHA DAS NEVES

Um conto de amizade, superação e cura

Um maldoso anão tinha fabricado um espelho mágico, que transformava em pessoas más todos os que nele se mirassem. Mas o espelho quebrou-se e seus pedaços foram se espalhando pelo mundo. Dois deles foram para uma sacada onde brincavam duas crianças, Gerda e Pedro, e penetraram nos olhos e no coração do menino que, desde aquele momento, se transformou. De garoto bom que era, virou o pior menino da cidade.

Pedro era um rapaz inteligente e bom, que cuidava de lindíssimas rosas na varanda de casa, competindo com sua amiga Carina, que morava em frente. Desde aquele dia, Pedro se tornou ruim e invejoso, fazendo de tudo para machucar Carina.

Quando o inverno chegou, ia Pedro, um dia, pelas ruas cobertas de neve, montado em seu pequeno trenó, quando viu um grande trenó branco, que corria velozmente. Enganchou o seu naquele e, desse modo, fez-se arrastar na vertiginosa carreira. Mas viu logo depois, com terror, que o misterioso veículo saía das muralhas da cidade e precipitava-se pelos campos. Por fim, o trenó se deteve e dele desceu a Rainha das Neves, completamente vestida de gelo, que lhe sorria e o chamava. Ele não resistiu e abraçou-a. Ela se inclinou para o menino, beijando-o. Ao sentir aquele beijo, Pedro sentiu-se gelado e adormeceu. A rainha tomou-o nos braços e o levou ao seu longínquo país, em um trenó de prata puxado por águias, indo para o Reino da Neve.

Os dias passavam e Gerda em vão esperava Pedro, que não regressava. Afinal, resolveu ir procurá-lo pelo mundo. Dirigiu-se para o rio, subiu numa barquinha e deixou-se levar pela correnteza. A embarcação, depois de muito navegar, foi deter-se num jardim cheio de flores, onde havia uma velha, que acolheu carinhosamente a menina Gerda e conduziu-a a uma pequena casa feita de vidros coloridos. Ali, penteou-a com um pente mágico e a menina de tudo se esqueceu e ficou, naquele jardim encantado, vivendo muito feliz.

Um dia, entretanto, viu umas rosas, que lhe recordaram o roseiral por ela plantado, com o auxílio de Pedro, na sua pequena sacada, em casa, e voltou-lhe à mente a lembrança do irmão desaparecido. Resolvida a encontrá-lo, fugiu para o bosque e caminhou muito, sem sentir-se fatigada, até que encontrou uma menina, que morava numa casa meio em ruínas. A desconhecida, ao ouvir a história de Gerda, quis ajudá-la e levou-a para sua casa, onde perguntou aos

pombos, pousados no telhado, se sabiam alguma coisa a respeito de Pedro. “Sim!”, responderam eles. “A Rainha das Neves o levou com ela”.

A menina do bosque deu-lhe, então, um magnífico cervo que possuía havia tempo, dizendo ao animal: “Devolvo-te a liberdade, mas em troca, leva esta minha amiga ao palácio da Rainha das Neves, que se acha em teu país”. Em seguida, ajudou a pobre Gerda a montar no lombo do animal, que partiu em disparada. Atravessaram campos, bosques, pântanos e, por fim, chegaram à Finlândia, onde estava situado o castelo da rainha. Lá, o cervo fez a menina descer no jardim.

Ao ficar sozinha, Gerda viu caírem a seu redor grandes flocos de neve, que se juntaram, procurando afogá-la. Mas a menina orou com fervor e, imediatamente, tudo se acalmou.

Então, a menina entrou no castelo, onde encontrou Pedro, que estava só e não a reconheceu. Gerda abraçou-o, chorando, e suas lágrimas, ao penetrarem no coração do menino, fizeram sair o fragmento do espelho, que nele se havia encravado. Pedro também chorou e, desse modo, o outro fragmento que havia penetrado em seus olhos também saiu. Só então o menino reconheceu sua pequena irmã e, com ela, fugiu daquela prisão gelada. O cervo esperava-os lá fora para levá-los de volta ao seu país. Depois de uma longa caminhada, chegaram em casa para, de novo, cultivarem suas belas rosas.

DICAS

- Este é um conto muito rico para ajudar a família a compreender o abuso/dependência do álcool e de drogas ilícitas, que metaforicamente podem ser associadas ao caco de espelho que feriu e alterou o comportamento de Pedro;
- O país da Rainha das Neves representa a prisão gelada do contexto emocional imposta à família e ao usuário;
- A força, a fé e a determinação de Gerda equivalem ao esforço da família;
- A menina, os pombos e o cervo representam a importância da família também receber ajuda;
- Os campos, bosques, pântanos e a neve representam os desafios aos quais a família será submetida em seu cotidiano;
- E a mais importante lição é que Gerda (família) conseguiu tirar, com suas lágrimas, o caco dos olhos de Pedro (usuário), mas somente as lágrimas dele conseguiram tirar o caco de espelho do seu coração.

JOGUE A VACA NO PENHASCO

Um conto que fala da adversidade como oportunidade para a descoberta de potencialidades

Mestre e discípulo andavam pela estrada. O caminho era inóspito, agressivo. O ambiente não era favorável à vida. Muitas pedras e montanhas escarpadas de pouquíssima vegetação. Avistaram, ao longe, uma casinha de aspecto pobre e humilde, e para lá se dirigiram.

Foram recebidos, hospitaleiramente, pelo dono da casa e sua numerosa família. Foram abrigados, e os residentes, com eles, compartilharam sua escassa comida e seu espaço para dormir. Interrogado pelo mestre, o dono da casa disse que a alimentação provinha de uma única fonte: uma única vaca da qual tiravam leite e seus subprodutos. O excedente era usado para efetuar trocas no povoado mais próximo. Mestre e discípulo ficaram ali mais alguns dias, e depois partiram. Algumas horas depois da partida, o mestre disse ao discípulo:

- Volte lá, às escondidas, e jogue a vaca no penhasco.

Estupefato, o discípulo argumentou:

- Mestre, como pode me pedir isso? Então, não percebes a pobreza de tão numerosa família e que seu único sustento é a vaca? E, mesmo assim, pedes-me para jogá-la no penhasco?

- Sim - disse o mestre. Jogue a vaca no penhasco.

Desorientado, o discípulo decidiu atender o mestre. No entanto, não conseguia fazê-lo, sem sentir uma enorme culpa. Mesmo assim, o fez pelo mestre.

Alguns anos depois, passavam novamente pelas proximidades o mestre e o discípulo. Sem nada dizer ao mestre, o discípulo decidiu que faria a expiação, e pediria perdão por ter jogado a vaca no penhasco. Assim, dirigiu-se até lá. Mas, quando chegou, não mais encontrou a pobre casinha em seu lugar. Havia uma construção nova e confortável. As pessoas que avistou, eram limpas e bem vestidas. O ambiente era de trabalho e o progresso era evidente. Foi, então, até uma das pessoas e perguntou:

- Há uns dois ou três anos, aqui havia uma pequena e pobre casinha. Saberá

me dizer para onde foram aquelas pessoas?

- Somos nós – respondeu o homem.
- Não, refiro-me àquelas pessoas pobres que aqui viviam.
- Somos nós - respondeu ele, novamente.
- Mas o que aconteceu? – disse, olhando o progresso a sua volta.
- Bem – disse o homem. Aconteceu, numa noite, um terrível acidente, em que nossa vaca, nossa única vaca, caiu do penhasco e ficamos sem nossa fonte de sustento. Não tivemos alternativa, então, a não ser buscar trabalho. Descobrimos nossas próprias capacidades, e as potencializamos. Como resultado, temos hoje uma bonita e confortável casa.

Um mestre podia saber além da percepção do que está à nossa frente. Por isso, já sabia o que se desencadearia ao mandar jogar a vaca do penhasco. Já o discípulo, nada podia ver ainda, a não ser o que estava diretamente à sua frente. Por isso, somente viu o infortúnio daquelas pessoas. O infortúnio é imediato. O infortúnio é transitório.

PERGUNTAS REFLEXIVAS

- Qual a minha “vaca”?
- O que estou precisando “jogar” no penhasco?
- O que pode estar me limitando na vida?
- O que jogar uma vaca no penhasco poderia revelar?
- Já joguei alguma vaca no penhasco?
- O que se revelou em mim depois que eu joguei?

O BAOBÁ E A LEBRE

CONTO AFRICANO

Um conto para compreender os corações machucados

Uma lebre voltava para casa cansada, com sede e muito calor.

- Meu Deus, eu preciso de sombra, estou queimando, queimando!

Olhou para todos os lados e não encontrou nada, mas avistou, lá na frente, um lindo baobá, que lhe pareceu refrescante. Não pensou duas vezes e saiu em disparada. Correu, correu, até chegar à sombra que ele oferecia. Deitou de barriga para cima e ficou repousando:

- Ufa, ai que sombra mais gostosa!

O baobá, como não era acostumado a receber elogios, pois passava grande parte do tempo sozinho, balançou os seus galhos e suas folhas em gratidão, produzindo um vento bem gostoso.

- Hulllllllll...

A lebre então falou:

- Nossa baobá, que maravilha você consegue fazer. O seu vento é ótimo.

Ao ouvir o segundo elogio, ele deixou cair um dos seus frutos, que continha dentro um delicioso néctar. A lebre olhou para o fruto, agarrou-o com as duas patas e começou a se deliciar com o mesmo.

- Nham, nham, que delícia seu fruto, baobá. É o fruto mais gostoso que eu já saboreei.

Nesse momento, o baobá foi tomado pela emoção, suas cascas começaram a se romper e seu tronco começou a se abrir. Foi abrindo, abrindo, até que ele mostrou o seu coração e toda a riqueza que havia ali dentro: joias, colares e anéis preciosos. Foi difícil fazer isso, mas a lebre se mostrou tão terna, tão amiga, que ele não resistiu. A lebre, quando viu tudo aquilo, se sentiu muito honrada e falou:

- Nossa baobá, eu não sabia que dentro de ti havia riquezas. Elas são para mim?

Ele balançou os seus galhos e uma leve brisa tocou o rosto da lebre:

- Muito obrigado, bela árvore, jamais vou te esquecer.

Pegou algumas joias, segurou-as na mão e pensou:

- Com isso, eu posso fugir para bem longe e ser feliz. Mas espera, e a minha lebre? Eu sei que ela grita comigo, que ela só reclama, mas ela é tão linda e eu a amo. Já sei, vou levar isso de presente para ela.

Neste momento, ele seguiu em disparada rumo a sua toca. Os animais o viam correndo com aquelas joias e perguntavam:

- Nossa lebre, onde você conseguiu isso?

Ele apenas respondia:

- Ganhei de um amigo por uma gentileza que eu fiz.

E assim foi durante todo o caminho. Por onde ele passava, perguntavam-no sobre o que estava carregando. Chegando a sua toca, ele entregou as joias para sua esposa e disse:

- Olha só, meu amor, são para você.

Ela, é claro, ficou encantada e, mais que depressa, enfeitou-se toda com o brilho dos anéis e colares e saiu para se exibir às suas amigas. A primeira que ela encontrou foi a hiena, que tomada pela inveja, quis logo saber onde ela havia conseguido joias tão brilhantes. A lebre disse que não sabia, pois havia ganhado de seu marido. A hiena não perdeu tempo e foi falar com o marido da amiga e ele lhe contou o que havia acontecido. No dia seguinte, exatamente ao meio-dia, que é quando o sol fica mais forte, corria a hiena pelo campo. Repetindo passo a passo o que o coelho fez, jogou-se ao chão, reclamou do sol e foi se rastejando até o baobá. Chegando lá, falou:

- Nossa baobá, que sombra boa!

Ele então balançou os seus galhos em gratidão.

- Nossa, que sede eu estou sentindo!

Baobá deixou cair um fruto. A hiena pegou com as duas patas, abriu, fez uma cara feia, fez de conta que comeu, jogou fora e falou:

- Baobá, me mostre o seu coração.

Como no dia anterior tinha acontecido o mesmo com a lebre, ele estava se sentindo confiante e mais generoso. Lentamente, foi abrindo o seu tronco, foi abrindo bem devagarzinho, saboreando cada minuto da entrega. Mas a hiena, impaciente, pulou com as suas garras no tronco do baobá, gritando:

- Abra logo esse coração. Eu não aguento esperar. Ande, eu quero esse tesouro para mim. Eu quero tudo, entendeu?!

O baobá, apavorado, fechou imediatamente o seu tronco, deixando a hiena de fora a uivar desesperada, sem conseguir pegar nenhuma joia. E, por mais que

ela arranhasse a árvore, ela nada conseguiu. A partir desse dia, a hiena ganhou o costume de vasculhar as entranhas dos animais mortos, pensando que poderia encontrar ali algum tesouro. Mal sabe ela que esse tesouro só existe enquanto o coração é vivo e bate forte. Quanto ao baobá, dizem que ele nunca mais se abriu.

Uma curiosidade:

A lenda do Baobá

Pela lenda, o baobá foi a primeira árvore que Deus criou. Ele fez o baobá e, ao lado, fez um lago. Deus então criou outras árvores de outras espécies, enquanto o baobá olhava este lago, que funcionava como um espelho. O baobá, ao mesmo tempo, também olhava para as outras árvores e perguntava:

- Porque aquela árvore tem as folhas amarelas e eu não tenho?

E Deus respondia:

- Baobá, você foi o primeiro que eu fiz, você é o mais querido. Coloquei em você tudo o que eu tinha de bom, mas depois eu fui me aprimorando.

- Ah, entendi. Mas por que a outra tem flor rosa e eu não tenho? – perguntava o baobá.

Toda hora o baobá reclamava, porque as outras tinham alguma coisa que ele não tinha.

Deus, então, foi se enfurecendo. Pegou o baobá e virou-o de cabeça para baixo. O que ficou para cima foram as raízes e a cabeça do baobá ficou enterrada.

As pessoas, até hoje, ficam embaixo da árvore do baobá, na África. Elas escutam os seus conselhos, pois a boca do baobá está no chão. E elas conseguem conversar com essa planta, porque é a árvore mais antiga e todas as histórias do mundo estão contidas no baobá.

PERGUNTAS REFLEXIVAS

- Quando vemos alguém muito ríspido, ao invés de julgarmos, é importante pensarmos antes se uma hiena não passou por ali;
- Quantas hienas passaram por nossas vidas?
- Como nos curamos?
- O quanto de baobá existe em nós?
- A quem oferecemos as riquezas dos nossos corações?

O VERDADEIRO VALOR DO ANEL

Um conto que fala sobre autoestima e valor pessoal

Um jovem foi procurar um mestre e lhe disse:

- Venho aqui, mestre, porque me sinto tão pouca coisa que não tenho forças para fazer nada. Dizem-me que não sirvo, que não faço nada bem, que sou torpe e bastante tonto. Como posso melhorar? Que posso fazer para que me deem valor? E o mestre, sem olhar para ele, disse:
- Sinto muito, rapaz, não posso lhe ajudar. Devo resolver, primeiro, o meu próprio problema. Talvez depois.

Fazendo uma pausa, agregou:

- Se quiseres me ajudar, eu poderia resolver o meu problema com mais rapidez e, depois, talvez pudesse ajudá-lo.
- Oh, ótimo, mestre – titubeou o jovem, apesar de sentir que outra vez era desvalorizado, e suas necessidades postergadas.
- Bem - assentiu o mestre, tirando um anel que levava no dedo mindinho e passando para o jovem, disse:
- Pega o cavalo que está ali fora e cavalga até o mercado. Preciso vender este anel porque tenho que pagar uma dívida. É necessário que obtenhas por ele o máximo possível, mas não aceites menos que uma moeda de ouro. Vai e regressa com essa moeda o mais rápido que puderes.

O jovem pegou o anel e partiu. Chegou ao mercado e começou a oferecê-lo aos mercadores. Esses, o olhavam com algum interesse, até que o jovem dizia o que pretendia pelo anel. Quando o jovem mencionava a moeda de ouro, alguns riam, outros o ignoravam e somente um velhinho foi amável para explicar-lhe que uma moeda de ouro era muita coisa para aquele anel. Com intenção de ajudar, alguém lhe ofereceu uma moeda de prata e uma de cobre, mas o jovem tinha instruções de não aceitar menos do que uma moeda de ouro. Por isso, rejeitou a oferta.

Depois de oferecer a joia a todas as pessoas que passavam pelo seu caminho no mercado (mais de cem pessoas), abatido pelo fracasso, montou o cavalo e regressou. Adoraria poder ter em mãos aquela moeda de ouro e, assim, entregá-la ao mestre, liberá-lo de suas preocupações e receber, então, seu conselho de ajuda.

Entrou no quarto e disse ao mestre:

- Sinto muito, mas não é possível conseguir o que você me pediu. Talvez pudesse conseguir duas ou três moedas de prata, mas creio que não possa enganar a ninguém sobre o verdadeiro valor do anel.
- Muito importante o que disseste, jovem amigo - disse sorrindo, o mestre. Devemos saber primeiro o valor do anel. Retorna a montar e vai ao joalheiro. Quem melhor para sabê-lo? Diga a ele que gostarias de vender o anel, e pergunta-lhe quanto te daria por ele. Não importa o que ele oferecer. Não o vendas. Depois, retorna com meu anel.

O jovem saiu a cavalo. O joalheiro observou o anel à luz de sua lupa, pesou-o e disse:

- Diga a teu mestre, rapaz, que se ele quiser vender o anel imediatamente, não posso dar mais que 58 moedas de ouro.
- 58 MOEDAS!!!!!! - Exclamou o jovem.
- Sim - replicou o joalheiro, - sei que, com o tempo, poderíamos obter por ele cerca de 70 moedas, mas, se venda é urgente...

O jovem correu emocionado à casa do mestre para contar-lhe o acontecido.

- Senta - disse o mestre, depois de escutá-lo – Você é como este anel: uma joia, valiosa e única. E como tal, só pode ser avaliado por um especialista. O que estás fazendo pela vida, pretendendo que qualquer um descubra teu valor?

E dizendo isso, voltou a colocar o anel no dedo mindinho. Todos somos como essa joia, valiosos e únicos, e andamos pelos mercados da vida pretendendo que gente ignorante nos dê valor.

PERGUNTAS REFLEXIVAS

- Como vemos o nosso valor?
- Com quais olhos temos olhado para nós mesmos?
- Olhamos por meio do olhar do “ignorante” ou do “joalheiro”?

CORAÇÃO DE CRISTAL

Um conto que fala da importância do amor que carregamos no coração e daquilo que realmente tem valor

Era uma vez, no afortunado reino do Afeganistão, um pobre e viúvo lenhador. Todas as manhãs, ele se levantava com a aurora, fazia suas orações e, tomando seu pequeno filho pela mão, ia para os bosques de imensas nogueiras que pertenciam ao Khan de Pagman. Durante todo o dia, ajudado por sua grande força, cortava as árvores que haviam sido marcadas. O garotinho lhe trazia água para beber e enxugava o suor de seu rosto.

- Filho, - dizia o lenhador - quando você for grande, não trabalhe como lenhador.
- Mas, aonde irei e o que farei? - perguntava o menino. Que outra coisa além de cortar árvores há para se fazer na Terra?
- Deus há de providenciar - respondia seu pai, segurando o machado. O tempo se encarregará de dizê-lo.

Pouco tempo depois, o Khan de Pagman em pessoa veio caminhando pelos bosques para determinar quantas das enormes nogueiras deveriam ser cortadas naquela primavera. Viu o garotinho brincando nas imediações, enquanto seu pai trabalhava.

- Qual é o seu nome, meu filho? - perguntou o Khan.
- Abdul - respondeu o garoto.
- Bem, Abdul, estou procurando um companheiro de jogos para meu filho - disse o Khan -, pois ele só tem irmãs. Se o seu pai estiver de acordo, levarei você comigo à minha casa para que o conheça.

O garoto ficou feliz com a oportunidade de se afastar dos bosques e o lenhador se sentiu honrado ao ver que seu filho havia chamado a atenção do Khan.

E foi assim que Abdul passou a viver na grande mansão, no alto da colina. Ali, permaneceu durante muitos anos como companheiro de jogos do filho do Khan, e este o considerava como um irmão. Abdul cresceu e se tornou um jovem forte e bonito. Ocasionalmente, deixava a mansão do Khan para visitar o pai. Com o passar dos anos, cada vez parecia ter menos o que falar com seu pai. O lenhador

compreendeu, então, que o coração de seu filho havia se separado dele.

Certo dia, o Khan perguntou ao lenhador se ele consentiria o casamento de Abdul com sua filha mais velha, Fátima. O jovem noivo não tinha nada que invejar nos outros jovens das colinas de Pagman. O pai, cheio de orgulho, concordou.

E assim se realizou o casamento, de acordo com os mandatos da lei. Abdul se mudou para a nova casa, construída especialmente para ele. A vida era fácil e ele começou a sentir que grandes façanhas lhe estavam reservadas.

“Eu, Abdul, filho de lenhador, pude alcançar este nível. Certamente, me tornarei famoso em todo o país antes de morrer”, dizia Abdul.

Mas a questão era: de que forma ele se tornaria famoso?

Ele se dirigiu ao pai e lhe perguntou:

- Como devo fazer para alcançar a fama e ganhar o respeito de todos no país, já que estou casado com a filha do Khan?
- Creio que você deve viajar rumo ao sul, até a Índia, e procurar fortuna, pois o homem nunca chega a ser famoso em seu próprio país antes de ter sido reconhecido e respeitado em terras distantes - respondeu seu pai.

Abdul despediu-se do pai, da mulher e da família dela e, tomando seu fuzil, empreendeu seu caminho até a terra do Hindustão. Caminhou muitíssimo e combateu, durante anos, nos exércitos do rei do Hindustão, até que foi reconhecido nesse país como um grande guerreiro. Mas já sentia saudades das montanhas de seu país. Seu coração ansiava pela presença de sua mulher e de seus amigos. E, assim, iniciou o caminho de regresso às montanhas.

Certa noite, acampava às margens de um impetuoso rio, quando se deu conta de que faltava apenas um dia de viagem para que alcançasse seu país natal. Envolveu-se em seu cobertor e olhou para as estrelas, acomodando-se para o sono. Seus olhos estavam por se fechar quando ouviu alguém se aproximar.

- Quem é? Fale ou disparo! - gritou.

E levantou-se de um salto, o fuzil entre as mãos, pronto para abrir fogo.

- Não tema. Não lhe causarei nenhum mal - disse uma voz profunda. E, à luz da fogueira, Abdul pôde vislumbrar a figura alta de um homem de cabelos brancos e olhos cinzas, frios como o gelo. Seu corpo delgado estava envolto numa larga túnica de pele, que lhe chegava aos tornozelos. Ele estendeu as mãos para o fogo e Abdul, desculpando-se por ter desconfiado, convidou-o a sentar-se junto à

fogueira para conversar. E assim o fizeram durante toda a noite.

Abdul quase nada recordou da conversa com o estranho ancião, a não ser a ocasião em que este lhe havia perguntado:

- Quer me vender seu coração? Pagarei um bom preço por ele.

Abdul olhou, então, com espanto para o forasteiro.

- O quê? Vender meu coração? Mas como posso fazer isso? Sem dúvida, morreria se me separasse dele, você não acha?

- Não da forma como eu faço - sorriu o mago de olhos cinzas. Você nem sequer se dará conta de que o retirei. Além do mais, oferecerei por ele uma soma muito grande.

- Mas você está seguro de que não sentirei dor? - insistiu Abdul - pois embora como soldado tenha recebido nas batalhas muitas feridas, meu coração nunca foi tocado.

- Dou-lhe minha palavra, disse o mago. Aqui tem mil peças de ouro. Pegue-as, conte-as, e aceite-as. Tomarei seu coração e você voltará para casa um homem rico.

Abdul mal podia acreditar em sua sorte.

- Isso é maravilhoso, dizia. Não só regresso para casa com a fama, mas também com riqueza. No entanto, diga-me, como farei sem meu coração?

- Em troca, você terá um coração de cristal, sorriu o mago.

E de uma pequena bolsa presa ao seu cinturão, o mago retirou uma réplica perfeita de um coração humano, feita de brilhante cristal vermelho.

- Agora, feche os olhos, segure em suas mãos a bolsa com o ouro e conte até dez. Logo, abra seus olhos, e a troca estará concluída, sem a mínima sombra de dor.

Abdul fez o que o velho disse e, quando abriu os olhos, depois de ter contado até dez, se deu conta de que não tinha sentido nenhum estremeção no peito. Nada.

- É tudo? Você tomou meu coração e o substituiu pelo de cristal? - perguntou Abdul.

- Sim, com efeito – assentiu o ancião. Aqui, neste frasco de cristal, se encontra seu coração, sem uma gota de sangue derramada. Seu novo coração é eterno. Você nunca morrerá. Viverá para sempre, até o final dos tempos. E, com essas palavras, o velho desapareceu.

A primeira reação de Abdul foi a de que tinha sonhado com o encontro. Tentou recordar as palavras do velho, mas a única coisa que lhe vinha à mente era que tinha vendido seu coração por uma bolsa de ouro. Balançou a cabeça, colocou o ouro debaixo da nuca e adormeceu.

No dia seguinte, percorreu o caminho que faltava até sua casa em tempo recorde e entrou nos aposentos de sua esposa. No entanto, ainda que seu coração trabalhasse perfeitamente, não sentiu a menor emoção ao revê-la. Com os olhos brilhando de alegria, Fátima correu até ele para beijá-lo. Um menino de uns cinco ou seis anos, uma réplica de Abdul, a seguia de perto.

- Seu filho, querido esposo - disse Fátima. Você não acha que Deus nos favoreceu?

Ela esperava um grito de alegria da parte de Abdul, mas ficou desiludida ao ver que nada acontecia. Abdul continuou olhando-a no rosto e olhando o menino. Porém em seus olhos, não havia alegria, em seu rosto não havia sorriso.

"Ele deve estar cansado da longa viagem desde o Hindustão", pensou Fátima. "Seguramente amanhã, quando se refizer, nos demonstrará seu terno carinho".

Mas ela não tardou a ter outra decepção. Os dias se passavam e, embora Abdul agisse de modo normal, levando a cabo suas tarefas, parecia que a vida não lhe reservava nenhum prazer. Nem sequer parecia desfrutar das maravilhosas paisagens de seu país, com as quais havia sonhado tanto tempo. Seu sogro, o Khan, chamou-o à parte e disse:

- O que está acontecendo, Abdul? Você está tão diferente! Por que você não vai ver seu pai e fica alguns dias para reconfortá-lo? Ele esteve doente por muitos meses.

Abdul foi visitar o pai e levou-lhe uma parte do ouro. Esforçava-se por sentir pena do velho lenhador, que se vira obrigado a abandonar seu machado para sempre.

Mas Abdul nada sentia em seu coração de cristal.

Em casa, o mesmo acontecia com relação a sua esposa e seu filho. Não sentia nada da alegria que qualquer outro pai experimentaria ao levantar o filho no ar ou ao sentá-lo em seus joelhos. Fátima tratava de agradá-lo, cozinhando os pratos que ele preferia, mas até o ato de comer se tornara, para ele, algo mecânico.

Fátima começou a temer que Abdul houvesse encontrado outra mulher. Dia após dia, esperava que ele lhe impusesse a presença de uma segunda esposa.

Na mesquita, depois do serviço de quinta-feira, todos os devotos, ao terminarem suas orações, ofereciam uma esmola aos pobres e desafortunados mendigos que permaneciam com as mãos levantadas, mas Abdul passava friamente entre eles sem sequer levar a mão ao bolso.

A fama de suas proezas nas guerras do Hindustão era grande em todo o país. Mas agora ele era conhecido como "Abdul Sem Coração". Cada vez mais e mais gente o evitava. Ele permanecia surdo ao canto dos pássaros na primavera, estava cego à beleza de sua mulher e nem sequer as brincadeiras de seu pequeno filho conseguiam comovê-lo. Ele agia como um homem de pedra.

Certo dia, Fátima aproximou-se dele e disse:

- Pai de meu filho, dou-lhe a última oportunidade para salvar nosso casamento. Algo muito grave está acontecendo com você. Afaste-se e reflita durante duas semanas. Vá aonde quiser, mas vá embora daqui, pois você está fazendo com que eu o odeie. Se, ao regressar, você não for o mesmo de antes, pedirei a meu pai que o ponha para fora de Pagman e deixarei de ser sua mulher para sempre.

Uma profunda tristeza reinava nos olhos e no coração de Fátima. Abdul nada sentiu quando lhe virou as costas e se foi. Caminhou e caminhou até alcançar o lugar onde trocara o seu verdadeiro coração por uma bolsa de ouro. Foi aqui que encontrei o estranho ancião, disse para si mesmo.

Mal esse pensamento cruzou-lhe a mente, viu o mago.

- Saudações, mago - disse Abdul. Voltei por causa de meu coração. Sem ele, não posso sentir tristeza, nem paz, nem felicidade. Devolva-o, não posso viver sem ele.

- Acompanhe-me até a minha caverna - disse o ancião. Mostrar-lhe-ei seu coração. Não posso devolvê-lo, pois faz parte da minha coleção. Lembre-se de que o comprei por uma grande soma de dinheiro.

A caverna era brilhantemente iluminada. As paredes cobertas de estantes, com centenas e centenas de frascos, cada um contendo um coração humano. Ouvia-se o suave bater dos corações.

- Minha vida está arruinada, disse Abdul, com voz gelada. Minha esposa não me suporta, meu sogro vai me desterrar, sou incapaz de amar meu próprio

filho, carne de minha carne, sangue de meu sangue. Tenha compaixão de mim, malvado mago, e devolva o meu coração. Não posso agir como ser humano com este coração de cristal. Pagarei por ele o mesmo preço em ouro. E, com os punhos cerrados, Abdul golpeava seu próprio peito.

O velho mago fez uma careta e balançou a cabeça.

- É impossível! - disse secamente. Negócio é negócio. Além disso, já tenho bastante ouro, não preciso de mais. A única coisa que me faz falta é uma boa reputação, um nome respeitado. Façamos a troca.
- Minha reputação? Minha fama de guerreiro, no país do Hindustão? - perguntou Abdul, com a boca seca. Não posso renunciar a tudo isso. Lutei para conquistar essa honra. Para ser respeitado em meu próprio país, me fiz herói em terra estranha.
- Escolha! - disse o mago. Eu utilizarei suas proezas como se as tivesse realizado. Você poderá ficar com a bolsa de ouro que lhe dei. Em troca, lhe devolverei seu miserável coraçãozinho humano. Então, você poderá de novo rir e chorar, enternecer-se e brigar, raciocinar e amar, tal como fazia antes que lhe implantasse o coração de cristal. Vamos rápido, decida-se de uma vez.
- Dou-lhe minha honra, toda a minha fama conquistada em campos de batalha. Meu coração é tudo para mim, se é que quero viver - respondeu Abdul, sem paixão. Aprese-se você também, velho demônio, - acrescentou. Sinto um desejo de estrangulá-lo.

Imediatamente, o mago procedeu a troca. Uma onda de sentimentos o invadiu. Sentiu renascer o afeto e o amor para com seu pai, sua esposa e seu filho. Chegou aos seus ouvidos o canto dos pássaros e o doce som penetrou seu coração. O mago desapareceu.

A caverna ficou vazia, nada dentro dela, exceto escuridão. Lá fora, as nuvens sobre o vale tocaram o coração de Abdul, enchendo-o de gozo, o que o fez recordar aqueles dias em que era apenas o filho do lenhador. Pisou em algo que se quebrou sob o seu calcanhar. Olhou: era o coração de cristal partido em mil pedaços. Ansioso, Abdul voltou para casa ao encontro de sua mulher e seu filho. Humildemente bateu à porta. Fátima atendeu ao tímido chamado e, ao ver o brilho nos olhos de Abdul, precipitou-se em seus braços.

- Querido esposo, ainda que me tenham trazido notícias de que suas proezas

no país do Hindustão eram todas falsas e que sua fama não era merecida, nada me importa, pois você voltou a ser como era antes de partir em busca de honrarias.

Abdul contou-lhe de seu encontro com o mago, da transação que fizera e de como recuperou seu coração. Fátima voltou a confiar nele e disse-lhe, sorrindo:

- Graças a Deus! Pensei que você estivesse diferente por causa de uma outra mulher.
- Aprendi minha lição - disse Abdul, devagar. De que me serve a glória vazia de ser um homem famoso entre os homens do Hindustão? Não me preocupa que me despojem de tudo aquilo que apenas me impedia de ver a verdade do meu próprio coração. Era pura vaidade buscar fama fora de meu país natal.
- Aonde você vai e o que fará agora? - perguntou Fátima.
- Acompanhe-me até a casa de meu pai. Com os seus conselhos e a ajuda de seu fiel machado, me converterei no melhor e no mais famoso lenhador dos bosques de Pagman.

Se alguém perguntar a uma pessoa, no Afeganistão, quem foi Abdul, filho de Amir de Pagman, ela responderá, sem hesitar um só instante: foi o melhor e o mais honrado de todos os lenhadores desse afortunado reino. Ele tinha o coração cheio de amor. Chorava com quem chorava e alegrava-se com os que se alegravam. Dizia que a felicidade não está na fama e na riqueza, mas pertence a quem leva o amor no coração.

DICA

Este é um conto muito rico para trabalhar a questão das drogas. O coração de cristal é uma boa metáfora para o uso de drogas. Quando alguém usa droga, é como se trocasse o seu coração por um de cristal, pois fica frio, indiferente e insensível com a família, pois a droga vai distanciando a pessoa daquilo que ela tem de melhor, além de tirar o verdadeiro significado das relações e da vida. O conto trata da dificuldade da família em entender e aceitar o comportamento do usuário, interpretando como desamor.

APRENDA A ESCREVER NA AREIA

Um conto que fala sobre o que devemos dar valor e aquilo que não merece ênfase. Um texto que fala em como aceitar as pessoas com seus recursos e suas dificuldades

Nagib e Mussa, dois grandes amigos, estavam em viagem e teriam de atravessar, com sua caravana, um rio caudaloso. Mussa teve a infelicidade de escorregar numa pedra e cair na água revolta. Nagib não teve dúvidas: pulou na água e, lutando contra a correnteza, ajudou Mussa a sair, ileso, na outra margem.

Mussa chamou, então, seus dois mais habilidosos servos e mandou que escrevessem numa pedra alta, que ali se achava, a seguinte inscrição:

“Viandante, neste local, Nagib, num ato heroico, salvou a vida de Mussa.”

Seguiram viagem e, depois de vários meses voltando para casa, chegaram novamente às margens do rio caudaloso, naquele mesmo local. Como estavam muito cansados, resolveram sentar-se à sombra daquela pedra onde estava a inscrição de Mussa.

Conversaram por muito tempo, mas, de repente, começaram a discutir e Nagib esbofeteou Mussa, que não reagiu. Mussa apenas pegou o seu bastão e escreveu na areia aos seus pés:

“Viandante, neste local, por motivo fútil, Nagib injuriou gravemente seu amigo Mussa”.

Seu servo, estranhando o fato, lhe disse:

- Senhor, quando Nagib lhe salvou a vida, o senhor mandou escrever na pedra a inscrição que ficará para sempre, para que todos que por aqui passarem possam vê-la. Mas agora, quando ele lhe ofende tão gravemente, o senhor escreve apenas na areia. Quem por aqui passar, ao cair da tarde, já não verá nada, pois a inscrição terá desaparecido com o ir e vir das ondas.

Mussa lhe respondeu:

- É que o benefício que recebi de Nagib permanecerá para sempre em meu

coração. E a injúria, mais rápido do que desapareça da areia, espero que se apague da minha lembrança.

Aprenda a escrever na pedra. Aprenda a escrever na areia e serás feliz.

PERGUNTAS REFLEXIVAS

- O que temos em nossas vidas que está escrito na pedra e o que está escrito na areia?
- Qual o efeito em mim de escrever na pedra aquilo que deveria escrever na areia?
- Na nossa família, onde mais escrevemos e o que valorizamos mais?
- O que é necessário fazer para utilizar a pedra e a areia com mais sabedoria?

PRÁTICAS NARRATIVAS COLETIVAS

As práticas narrativas coletivas conseguem construir aquilo que Paulo Freire denominou de “unidade na diversidade”. Isso significa que, partindo de experiências individuais, os participantes conectam suas narrativas ao grupo, encontram pontos em comum, resgatam as forças individuais e coletivas e, com isso, conseguem contribuir com a vida de outros que vivem situações semelhantes. As metodologias normalmente utilizam metáforas que facilitam o processo de conversação.

Essas metáforas têm por intenção possibilitar que as pessoas envolvidas na dinâmica construam um território de identidade seguro o suficiente para que possam falar sobre suas experiências. De forma geral, essas intervenções têm início de forma individual, situação em que cada pessoa constrói sua narrativa. Posteriormente, as pessoas compartilham com o grupo suas histórias e compreendem que possuem muitas coisas em comum (a busca da “unidade na diversidade”).

Práticas narrativas coletivas seguem quatro princípios básicos:

- 1-A dupla narrativa das histórias: existe a história do problema e a história de como a pessoa respondeu a ele;
- 2-A ampliação da história: a pessoa constrói conhecimentos mais amplos e ricamente descritos acerca de si mesmo e de sua história;
- 3-O vínculo entre individual e coletivo: as experiências individuais relatadas são conectadas a alguma situação coletiva;
- 4-A documentação coletiva: forma de contribuir com a vida de outras pessoas que passam por situações semelhantes.

Objetivos das práticas narrativas coletivas:

- Auxiliar a(s) pessoa(s) a acessar as dificuldades enfrentadas em sua(s) vida(s) e explorar formas pelas quais elas possam se conectar, pela ação, com outras pessoas que passam por situações semelhantes;
- Capacitar as pessoas para que encontrem alívio dos efeitos das dificuldades em suas vidas e também capacitá-las a ampliar sua ajuda aos demais ou a modificar as condições sociais que contribuíram para o problema que elas enfrentaram.

CONTEXTO HISTÓRICO

As práticas narrativas coletivas nasceram baseadas nos pressupostos teóricos da abordagem narrativa de Michael White (assistente social australiano) e David Epston (antropólogo neozelandês).

O contexto gerador dessas práticas coletivas foi o trabalho com as populações em extrema situação de adversidade e trauma, como crianças sul-africanas cujas famílias foram devastadas pelo vírus HIV; palestinos vivendo em áreas de ocupação; amigos de Ruanda trabalhando à sombra do genocídio; israelitas vivendo conflitos militares e comunidades indígenas australianas lidando com os efeitos da colonização, do sofrimento, do álcool e da violência.

Essas práticas chegaram ao Brasil em 2007 e têm sido utilizadas como um recurso precioso para trabalhar com grupos, famílias e comunidades.

Referências Bibliográficas

DENBOROUGH, D. (2008). *Práticas narrativas coletivas: trabalhando com indivíduos, grupos e comunidades que vivenciaram traumas*. Adelaide, South-Australia: Dulwich Centre Publications.

GRANDESSO, Marilene A. (2014). *Práticas narrativas coletivas: o efeito rizomático dos documentos coletivos como contexto de transformação*. *Construcionismo Social: discurso, prática e produção do conhecimento*. 1ed., v. , p. 11-412.

1 - ÁRVORE DA VIDA

Desenvolvida no sul da África, para trabalhar com crianças que perderam os pais por causa do HIV/AIDS; pessoas em situações de abandono e violência, com comunidades vulneráveis e com profissionais desesperançados.

Desenvolvimento do processo:

Material: papel sulfite, canetas hidrográficas coloridas e certificados.

PARTE I - DESENHANDO A ÁRVORE DA VIDA

O técnico inicia o trabalho convidando o grupo/família para seguir os passos:

- Pensar em alguma árvore que tenha algum significado na sua vida;
- Quanto mais colorida, grande e expressiva essa árvore for, melhor;
- Tomar alguns minutos para pensar em que tipo de árvore ela seria, que relação essa árvore tem com a sua história;
- Desenhar somente a **estrutura da árvore**, só o contorno, deixando espaço para as raízes.



• Escrever nas RAÍZES – HERANÇAS

- De onde vem (cidade, estado, país);
- História da família (origens, nome, ancestrais, família estendida);
- Pessoas que mais lhe ensinaram no passado;
- Lugar preferido na casa;
- Tradições: música, dança, comida;
- Pessoas que mais apoiaram.

• Escrever no CHÃO - SOLO

- Onde vivemos no presente;
- O que fazemos todos os dias (atividades do dia a dia).

• Escrever no TRONCO DA ÁRVORE

- Habilidades e qualidades pessoais (físicas, de cuidados, doçura etc.) nas diferentes áreas da vida;

- Pode incluir valores que considera importante na vida;
- As histórias dessas habilidades e valores: há quanto tempo os apresenta, como e com quem aprendeu.

- **Escrever nos GALHOS DA ÁRVORE**

- Esperanças, desejos e sonhos em relação à sua vida;
- A história dessas esperanças, desejos, sonhos e conexões com pessoas significativas da sua vida;
- Como consegue se agarrar a esses sonhos e manter viva as esperanças;
- Esperanças e sonhos para sua família e para a comunidade.

- **Escrever nas FOLHAS**

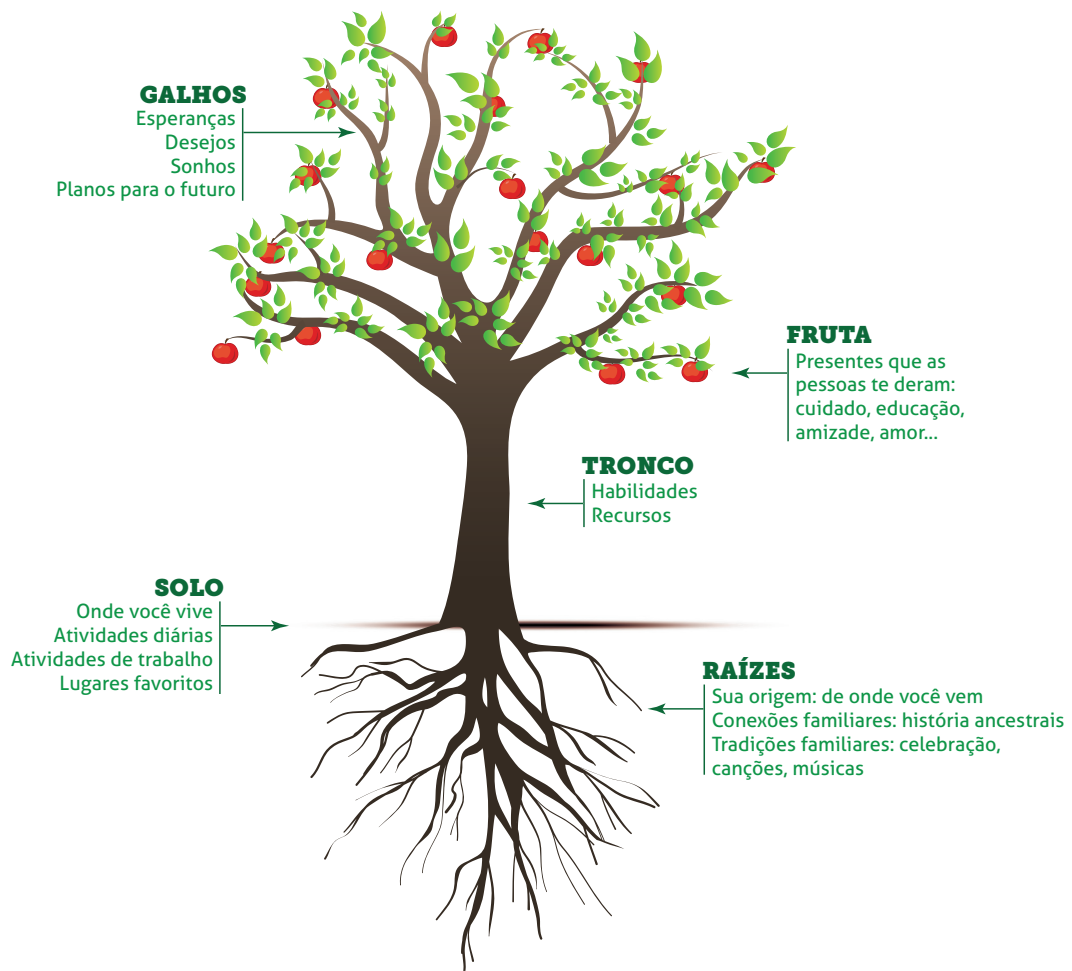
- Pessoas importantes: vivas ou mortas;
- Momentos especiais vividos com essas pessoas;
- O que essas pessoas tinham de especial;
- Animais, amigos imaginários, personagens de histórias.

- **Escrever nas FRUTAS**

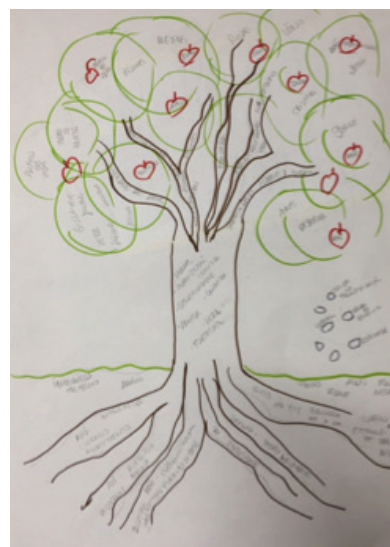
- Presentes especiais que recebeu (materiais ou não), atos de carinho, cuidado, amor;
- Por que imagina que a pessoa lhe deu isso?
- O que a pessoa apreciou em você para agir assim?
- Dádivas que recebeu da vida.

- **Escrever nas SEMENTES**

- O que oferecer como uma contribuição para os outros ou para sua comunidade?
- O que quer deixar para seus descendentes, sua família, sua comunidade, enfim, sua transcendência?



EXEMPLO



PARTE 2 - FLORESTA DA VIDA

Objetivo: Construir e reconhecer a história de cada pessoa (habilidades, capacidades, esperanças, sonhos e suas histórias sobre cada um desses itens).



- Cada pessoa descreve sua árvore para o grupo;
- Fazer perguntas sobre como seus sonhos e esperanças foram mantidos e pessoas que saberiam deles;
- Falar do que as árvores têm em comum e das suas diferenças;
- Escrever o que apreciou/admirou na história que ouviu;
- Colar junto à árvore.

PARTE 3 - AS TEMPESTADES DA VIDA - Conversação Coletiva

Objetivo: identificar dificuldades, desventuras e formas de enfrentamento no coletivo.

- Usar a metáfora das tempestades e seus efeitos para as florestas e como essas se recompõem;
- Falar sobre os efeitos desses problemas para os indivíduos/família;
- Fazer um paralelo falando das adversidades – assim como as árvores não têm culpa em relação à chegada das tempestades;
- O que fazemos quando as tempestades chegam às nossas vidas?

Conversar em pequenos grupos, incluindo as histórias de pessoas que nos fizeram felizes e nos deram suporte; e como nós contribuímos para a felicidade de outras pessoas.

PERGUNTAS REFLEXIVAS

- As tempestades estão sempre presentes nas nossas vidas?
- Será que na nossa vida, de vez em quando, ficamos livres das tempestades?
- O que fazemos quando as tempestades passam?

PARTE 4 - CELEBRAÇÃO, CERTIFICADOS E MÚSICA

Objetivo: reconhecer-se rico (a) de habilidades, capacidades e vínculos significativos em suas vidas.

O técnico elabora o certificado a partir das anotações que fez enquanto cada pessoa da família/grupo narrou em relação à sua história, incluindo habilidades, sonhos e esperanças.

Encerrar com uma celebração, convidando pessoas significativas para participarem da entrega dos certificados para cada membro do grupo/família.

Ex: certificado por manter a esperança, por ser guerreiro, por ser leal aos seus valores, por ser uma mãe leoa, por ser valente etc.

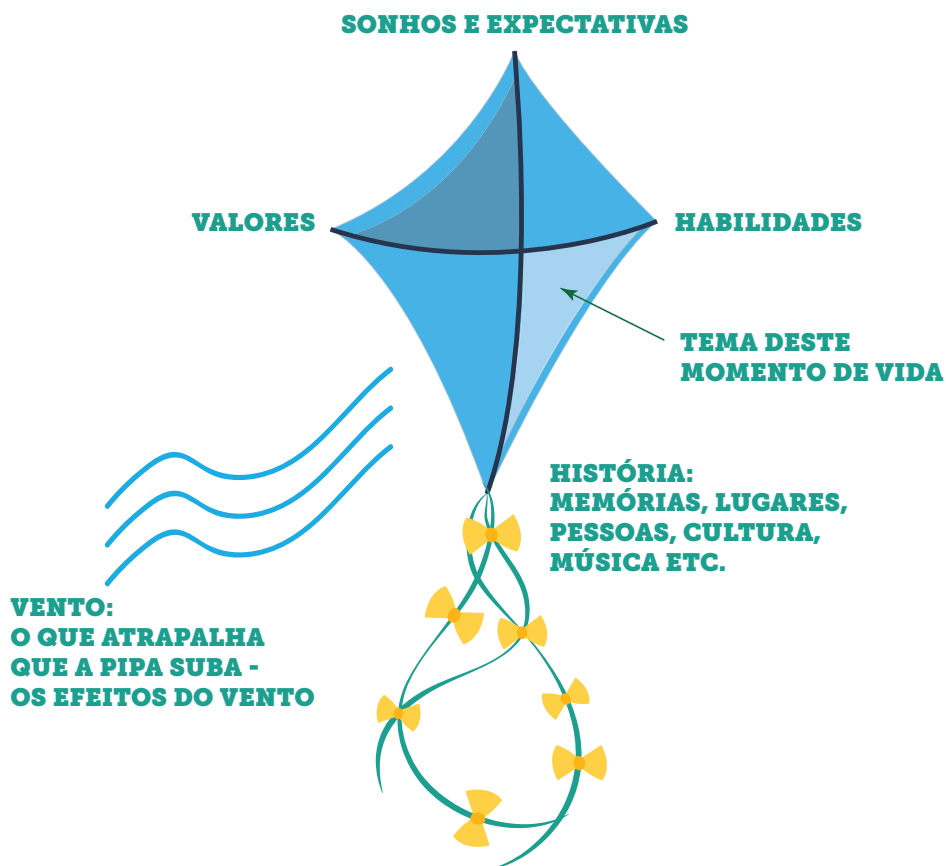
DICAS DE USO

- A Árvore da Vida pode ser individual ou da família;
- Não precisa necessariamente passar por todas as partes.

2 - A PIPA DA VIDA

Material: papel sulfite e canetas hidrográficas coloridas.

Desenvolvimento: o técnico pede para o grupo/família desenhar uma pipa, depois escrever em cada parte:



3 - DOCUMENTOS COLETIVOS

Podem ser desenvolvidos na forma de cartas, memorandos, certificados, documento de identidade, pequenos livros, poemas, listas. Não importa a forma, seu uso tem sido associado a benefícios para todos os envolvidos em grupos de processo.

A força desses documentos decorre do uso da voz coletiva na transmissão de histórias. Essas histórias constroem um coro comum em que uma identidade coletiva pode ser fortalecida, além gerar o fortalecimento das próprias identidades individuais presentes. Essa também é uma oportunidade para colocar em evidência, numa narrativa coletiva, as habilidades e conhecimentos que pessoas que passaram por situações desafiadoras desenvolveram, além de construir uma narrativa de esperança e empoderamento para outras populações com desafios semelhantes. Um aspecto importante dessa metodologia é que se pode começar com pequenos grupos de duas a três pessoas que enfrentam experiências e demandas semelhantes. Esse grupo pode crescer, à medida que os escritos são socializados.

O material narrativo para a escritura do documento começa com uma introdução que organiza uma história de identidade coletiva, como se as pessoas envolvidas se apresentassem em resposta a uma pergunta: "Quem somos nós neste momento de nossas vidas?" Esse relato é organizado pelo significado comum para a situação vivida.

DOCUMENTOS COLETIVOS

Por exemplo, "[...] somos um grupo de mulheres comprometidas com a segurança de nossos filhos adolescentes, vivendo em tempos de insegurança e violência".

Essa trama favorece conexões não apenas entre os presentes, mas também com futuros leitores do documento. Algumas expressões, tais como "alguns de nós", "todos nós", "uma de nós se emocionou ao relatar como tem sofrido por esperar seu filho no meio da noite, sem conseguir dormir até que ele chegue", permitem que as vozes individuais se transformem num coro coletivo, organizado pelo "nós".

As palavras, metáforas e imagens sugeridas pelos relatos das pessoas

que participaram do trabalho devem ser sugeridas. Palavras e frases que vêm carregadas de emoção, que evoquem algum dos sentidos (como as que sugerem cheiros, sons, cenários, texturas) podem ser as portas de entrada para uma escritura mais rica de significados e de maior impacto. Tais narrativas abrem possibilidades rizomáticas para que os leitores do documento se sintam integrados, ao agregarem seus relatos pessoais.

As experiências são sempre belas e produtivas, pois estimulam as pessoas a voltarem seus olhares para os aspectos positivos de suas vidas; e a compartilharem suas descobertas com outros, que podem se beneficiar com esses relatos.

São documentos que descrevem habilidades, conhecimentos, capacidades e valores de pessoas e grupos que vivenciaram ou vivenciam adversidades. Os documentos coletivos legitimam as pessoas como especialistas em suas próprias vidas, quando suas histórias de enfrentamento e superação são reconhecidas como úteis, tanto para elas como para outras pessoas que também passaram por momentos difíceis.

A seguir, um exemplo de documento coletivo. Esse documento foi elaborado ao final de um processo grupal, com mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo. É a soma das várias vozes, dos pensamentos e reflexões que surgiram durante os encontros. O objetivo do documento foi o de compartilhar essas vozes com outras mulheres vítimas de violência.

DICA

Os documentos coletivos são muito úteis para estabelecer pontes solidárias entre grupos que estão geograficamente distantes e fazem parte de um mesmo programa. A troca de experiências desses documentos reforça o sentimento de pertença e inspira o desenvolvimento e a troca de competências.

DOCUMENTOS COLETIVOS – EXEMPLO:**Reflexões de quem amou o outro e não a si mesma**

“Eu acho que nunca consegui nada na vida porque sempre achei que nunca ia conseguir nada na minha vida. A gente acha que desejo é sonho e não realidade; não pensa que pode virar um plano”.

“Vivemos durante anos conforme o plano do outro e, hoje, por mais que seja bom estar livre, dá medo. Será que eu vou conseguir? Será que vou dar conta?”.

“Têm coisas na vida que não valem a pena insistir. Não quero mais dar luz para cego. Eu quero parar de sofrer por esperar. No meu relacionamento, eu me apertei, eu me espremi e não adiantou. Eu não quero mais na minha vida ficar esperando. Eu tenho o direito de não sofrer mais. Cair no buraco machuca. Não quero mais sofrer pelo que o outro não pode me dar. A gente passou por tanto sofrimento. Eu amei muito este homem e acabei com minha vida por causa dele. Larguei minha família, larguei meu sonho para traz. O amor de que hoje eu preciso é o amor por mim mesma”.

“Hoje, depois de sei lá quantos anos, eu comprei um estojo de maquiagem. Eu preciso estar bem por mim, para eu poder me enxergar. Meu filho me olhou hoje e disse: nossa mãe, como você está bonita!”.

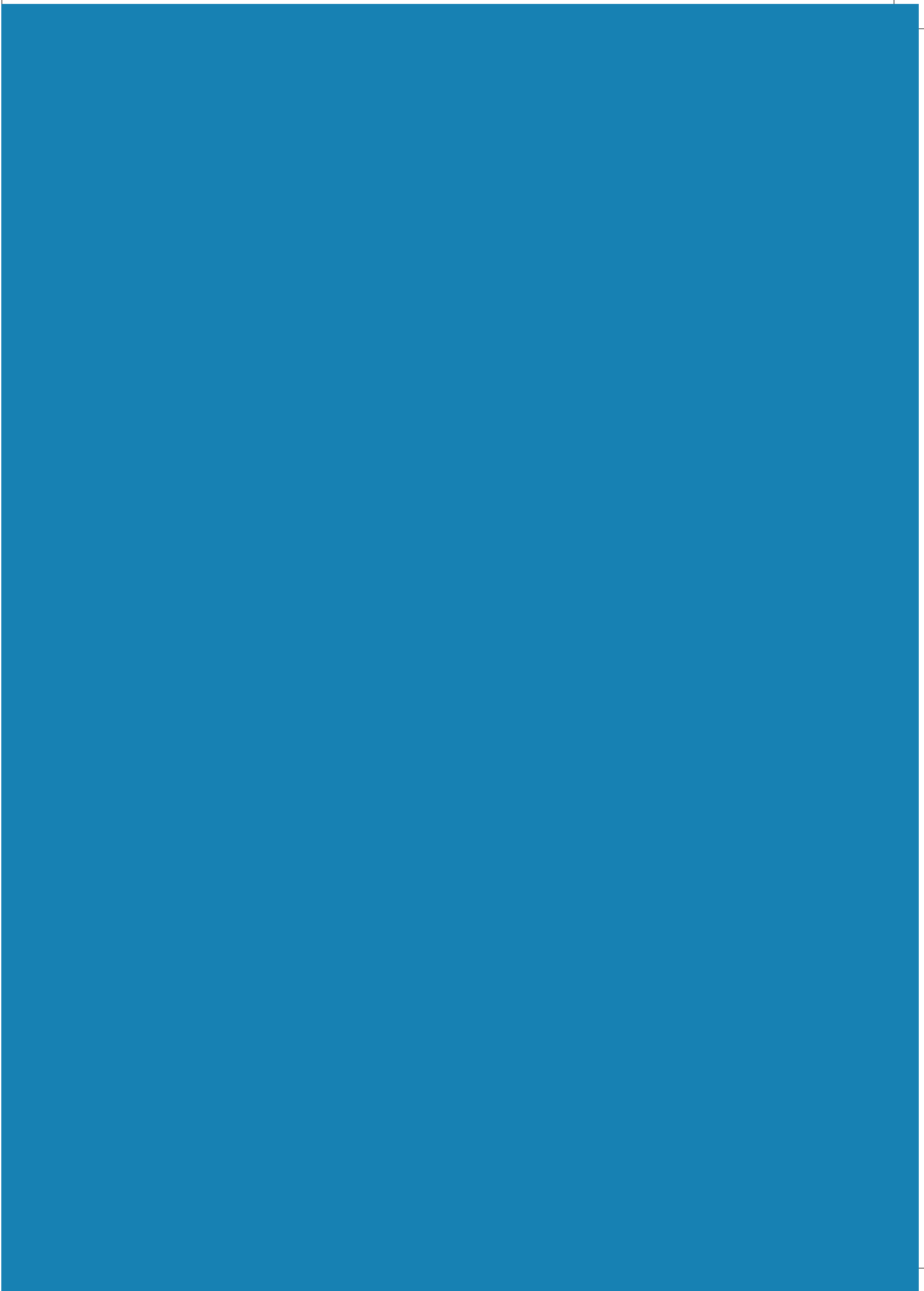
“Nunca tivemos espaço para as coisas boas em casa”.

“Se quero chegar a algum lugar na vida, eu tenho que acreditar que eu mereço”.

“Acho que estou mais afiada para fazer escolhas. É importante pedir ajuda e não achar que vai dar conta sozinha. É importante não dar atenção àquele pensamento que dói, que puxa pra baixo. Não vou jogar a toalha, vou procurar fazer mudança. A vida não vai mudar se continuarmos fazendo as mesmas coisas. Precisamos fugir das situações parecidas com as que já vivemos”.

“Eu li, não lembro onde, algo que dizia mais ou menos assim: Pedras no caminho encontro várias, todos os dias. Tropeço em algumas, mas estou juntando todas para construir um castelo”.

Acho que estamos começando a construção do castelo...



FAMÍLIA
PARANAENSE
UMA NOVA VIDA COMEÇA AQUI.



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Família
e Desenvolvimento Social

www.desenvolvimentosocial.pr.gov.br